

# 15.47

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

## ARTE E HISTÓRIA

O MERCADO DE ARTE - Parte I  
UMA INTRODUÇÃO, MUITOS DESAFIOS...

NOVAS ARTES EM BRASÍLIA  
ACAV - THÉA SISSON

ARQUITETURA E PERCEPÇÃO  
transARQUITETURA: UMA (IN)DISCIPLINA

O DESIGN CRIATIVO +  
"ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA"  
DESCREVER AS CIDADES É PARA TODOS!  
Mas, podemos ver a cidade a partir de uma narrativa?

GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE  
GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE!  
UMA DE MUITAS PARTES!

FOTOGRAFIA E OLHAR  
PARE PARA OLHAR

SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR  
NA SUA NOVA ROTA, ESPERANÇA É ESSENCIAL

BRASÍLIA EM ORAÇÃO  
A FÉ EM TEMPO DE PANDEMIA

FEMININOS MÚLTIPLOS  
ELAS NA ESPLANADA

GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA  
A COMIDA COMO CULTURA

GASTRO CYTIES  
PIZZARIA DOM BOSCO OU PIZZA DO BAIXINHO?

PATRIMÔNIO BRASÍLIA  
O QUE FAZER COM AS PROMESSAS DESSES  
CANDIDATOS ELEITO

MÚSICA EM BRASÍLIA  
O TOM DA CONVERSA - ADRIAH

CRÔNICAS DO RUBENS  
O SAMBA DO PRÍNCIPE

UM PROJETO PARA BRASÍLIA  
EM FEVEREIRO "TE VEJO" NO  
GALINHO DE BRASÍLIA

BRASÍLIA EM SEGUNDOS  
THALIJA

PARABOLOIDE.COM

Fevereiro/Março 2021  
Edição 01 / Nº 03



6009800461091

WWW.PARABOLOIDE.COM  
FEVEREIRO/MARÇO DE 2021

# 1º CONCURSO DE FOTOGRAFIA PARA A CAPA DA PRÓXIMA EDIÇÃO DA 15.47! DIA 21 DE ABRIL!!

SAIBA MAIS  
AQUI!!!



www.paraboloide.com  
FEVEREIRO/MARÇO DE 2021

72 THALIA  
BRASILIA EM SEGUNDOS  
Por Frederico Fôsculo

71 UM PROJETO PARA BRASILIA  
EM FEVEREIRO NA VEJO NO QUAGLIA  
Por Angelina Nordelli Quaglia

68 CRÔNICAS DO RUBENS  
O SAMBA DO PRINCÍPIE  
Por Rubens Perlingeiro

65 MÚSICA EM BRASÍLIA  
O TOM DA CONVERSA - ADRIAN  
Por Frederico Fôsculo

62 PATRIMÔNIO URBANO POR BRASILIA  
ADVOCACIA URBANA  
Por Angelina Quaglia

60 GASTRO CYTES  
PIZZARIA DOM BOSCO NA PIZZA DO BAIKINHOS  
Por Juliana Florêncio Rompim

56 GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA  
COZINHA - AFETO E MEMÓRIA  
Por Juliana Florêncio Rompim

49 FEMININOS MÚLTIPLOS  
ELAS NA ESPALHADA  
Por Maria Luiza Junior

46 BRASILIA EM ORAÇÃO  
A PE EM TEMPO DE PANDEMIA  
Por Luciana Fonseca e Jéssy Junior

40 SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR  
NA SUA NOVA ROTA - ESPERANÇA E ESSENCIAL  
Por Maria Helena Costa

39 FOTOGRAFIA E OLHAR  
PARE PARA OLHAR  
Por Vivi Manzur

34 ARQUITETO E VIAJANTE  
DESCREVER AS CIDADES E PARA TODOS!  
Por Angelina Nordelli Quaglia

30 O DESIGN CRIATIVO +  
TRANSARQUITETURA  
Por João Diniz

19 NOVAS ARTES EM BRASÍLIA  
ACAV - THEA SISSOM  
Por Patrícia Nunes Ávila e Silva

07 ARTE E HISTÓRIA  
O MERCADO DE ARTE - MUITOS DESAFIOS...  
UMA INTRODUÇÃO. MUITOS DESAFIOS...  
Por Patrícia Nunes Ávila e Silva



**"Apressa-te a viver e pensa que cada dia é, por si só, uma vida"  
(Sêneca. 4 a.C. - 65 d.C.)**

O filósofo Sêneca lembra-nos que viver o agora, o dia que apresenta-se hoje, é uma dádiva e certamente para muitos, uma vida! A depressão é fruto do passado, a ansiedade resultado daquilo que ainda não chegou, e o presente uma pérola que temos em nossas mãos. Caberá a nós decidir se com ela faremos uma joia, ou simplesmente guardaremos numa caixinha, no fundo das nossas gavetas.

Não é preciso dizer que no ano de 2020 vivenciamos aquilo que acreditávamos ser fruto apenas da imaginação dos roteiristas, nos filmes de ficção científica. Uma percepção coletiva, reflexo do medo e da incerteza, foi tomando conta de todos nós, e a sensação de que havíamos chegado a essa altura da nossa humanidade um pouco mais desumanos era perceptível. Parecia nítido que muitos deixaram de aprender com a nossa história, com aquilo que no mundo choca-nos constantemente, como o egoísmo, as guerras, a fome, os sequestros históricos, a ganância, e as pandemias. Algumas delas, aliás, bem recentes, como foi o caso da gripe espanhola. Afinal, o que são 100, 200 anos em nossa história? As vísceras da sociedade foram espalhadas ao chão, e precisávamos curá-las. Foi preciso reaprender a viver e a pensar que "cada dia, por si só", era uma vida completa!

Em contrapartida a tanto sofrimento, ainda falando do mesmo ano (2020), o ser humano reagiu com resiliência e mostrou que muitos de nós chegaram a essa altura do século XXI replicando lições advindas de nossos

antepassados, como as boas virtudes da amizade, da caridade, da paciência e do amor.

A nossa equipe acreditou no novo, no inusitado, e resolvemos trazer à tona as nossas ideias mais apaixonantes, pois, fazia-se necessário agir. Era momento de introspecção, mas, também de esperança e de comemorar a amizade (que nos trouxe até aqui), e por que não gritar as competências, os conhecimentos e o comprometimento em gestar um legado, favorecer um expandir de conhecimentos a fim de fomentar o bom debate!?! E foi ali, naquele emaranhado de sentimentos o momento em que nascia uma ideia que ganhou várias mães e pais, e muitos admiradores!

A REVISTA 15.47 é fruto de uma pandemia, do ócio que gerou a boa ideia, das tramas mentais que nos uniram enquanto equipe, e do desejo em levar aos outros essas expertises forjadas por anos e pelo amor nosso por pesquisar, conhecer, criar, dividir!

Neste ano de 2021, continuamos desejando ser norte, ser coordenada num campo aberto para o conhecimento e a expansão da elasticidade cerebral. Toda a nossa 15.47 é fruto dessa maravilhosa equipe, que particularmente sei, são fantásticos!

Segue mais uma edição com cidade, mercado de arte, arquitetura, urbanismo, viagem, gastronomia, crônica, música, carnaval, dentre outros muitos assuntos que, com toda certeza, trarão mais alegria nestes tempos de pandemia!

Esperamos que gostem desta edição, que está repleta de cada um de nós!

## Equipe editorial e Convidados

Angelina Nardelli Quaglia



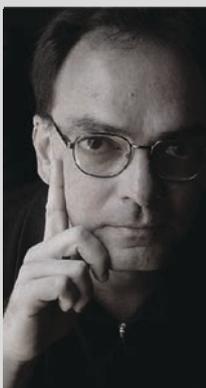
Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB, pesquisa as áreas de acessibilidade/caminhabilidade, história da arquitetura, do urbanismo, das artes, representação e expressão, turístico patrimonial, acessível, e tecnologias de design dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, oferta cursos, projetos de arquitetura, design, cultura, e realiza produções cinematográfica. Na Revista 15.47, é diretora e coordenadora editorial, assinando as colunas **UM PROJETO PARA BRASÍLIA**, que busca apresentar iniciativas pensadas e aplicadas em Brasília; **GASTRO CYTIES**, sobre a gastronomia icônica; e **O DESIGN CRIATIVO + "ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA"**, com temas relacionados ao design, ao urbanismo, à arquitetura e às artes urbanas.

Patrícia Iunes Ávila e Silva



Historiadora da Arte e Marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte ArtBSB. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog "Sobre Arte e Arrepios" e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na Revista 15.47, além de membro do grupo diretor, assina a coluna **ARTE E HISTÓRIA**, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, trará aos nossos leitores um olhar muito próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.

João Diniz



Arquiteto Urbanista mineiro, escritor, poeta e conteudista digital, é professor no curso de arquitetura e urbanismo (FUMEG - MG), mestre em engenharia civil com ênfase em estruturas metálicas (UFOP), e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacional, cenografias, produção de design, documentários e curtas, livros, dentre outros. Como escritor constam 26 livros publicados, 27 textos, fora os novos trabalhos, já iniciados.

Membro do grupo diretor, também assina a coluna **ARQUITETURA E PERCEÇÃO**, onde trará debates acerca dos temas que permeiam as observações sobre a cidade, a arquitetura e o indivíduo.

Malu Perlingeiro



Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela SecultDF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da 15.47, também escreve a coluna **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.

Frederico Flósculo



Arquiteto Urbanista, professor adjunto da Universidade de Brasília - UnB, mestre e doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), além de escritor.

Entre suas publicações estão os livros *Metodologias da Projeção Arquitetônica: Evidências Gráficas*, *Contos de cartomantes*, e *Thalija*, aventuras brasilienses em busca da cidade oculta, este último uma belíssima história em quadrinhos.

Na 15.47 é responsável pela coluna **PATRIMÔNIO BRASÍLIA**, onde trata de temas relacionados ao patrimônio Brasília e assuntos voltados a sua preservação, legislação de preservação, percepções coletivas, dentre outros assuntos.

Rubens Perlingeiro



Historiador, geógrafo, cronista, professor, Oficial de Marinha (graduado em Ciências Navais) e pós-graduado em Ciências Políticas.

Suas publicações comentam de forma bem-humorada o comportamento humano, provocando inúmeras risadas e por vezes comparações com situações que em algum momento podemos ter presenciado em nossas vidas, e que nos fazem sorrir. Dentre suas publicações está o livro *A Peruca do Defunto e Outras Situações Improváveis*.

Responsável pela coluna **CRÔNICAS DO RUBENS**, e também um dos membros da equipe editorial, trará bons textos sobre temas divertidos do cotidiano, permitindo-nos boas risadas e muita sabedoria.

André Berçott



Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005.

Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias e na Revista 15.47.

Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada.

Na revista, traz a coluna **REFLETIR, POR QUE NÃO?**, com um pouco sobre a importância da reflexão em tempos de pandemia, por continuarmos pouco próximos de familiares e amigos, fora do círculo de nossas residências e, para alguns, do trabalho. Traz a importância do refletir, que corrobora com as demais colunas com temas similares.

Jorge Nassar



Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA.

Com facilidade para a criação, escreve e dirige como co-criador o projeto CRIATIVAMENTE, direcionado à área de entretenimento digital.

Na Revista 15.47 é membro do corpo editorial e responsável pela coluna **MÚSICA EM BRASÍLIA - O TOM DA CONVERSA**, onde entrevistará músicos brasilienses atuantes na capital e fora dela, a partir de 10 perguntas, debatendo temas de relevância nacional e internacional, tratando sobre a boa música e as boas histórias da capital federal.

Maria Helena Costa



Maria Helena Costa é mestre em Arquiteta e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Cocriadora do Carreira e Sucesso - o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação, qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, e despertar em pessoas, formam times e empresas. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no despontar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na Revista 15.47 é responsável pela coluna **SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR**.

Luciana Azevedo



Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar. Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal. Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã. Junto com Jézer Junior, é a responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, são tratados os assuntos relacionados à fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes relacionados ao tema.

Jézer Junior



Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, é escritor, atua como palestrante, e é professor no curso Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese. Hoje é responsável por conduzir dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM. Junto com Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, onde são tratados os assuntos relativos à fé cristã em Brasília e no mundo, trazendo aspectos importantes relacionados ao tema.

Maria Luiza Junior



Formada pela Universidade de Brasília - UnB em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo - USP, especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo - USP, e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília - UnB. Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação da Centro de Estudos Afro-brasileiros - CEAB e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal - MNU-DF. Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe-de-Preto. Na 15.47 assina a coluna **FEMININOS MÚLTIPLOS**.

Vivi Manzur



Formada em publicidade e propaganda, é produtora de conteúdo, empreendedora, e fotógrafa na empresa Vivi e Luiz Foto, onde realizam trabalhos que sensivelmente registram partos e eventos onde a família comemora a vida, como aniversários, casamentos, batizados, dentre outros tantos belos momentos da vida. E é mãe de 3 (três) belos filhos, que junto a ela produzem conteúdos digitais semanais (quase diários) sobre viver em família. Inquieta por aprender e passar conhecimentos, na 15.47 assina a coluna **FOTOGRAFIA E OLHAR**, onde traz assuntos que se relacionam à fotografia, e às situações inusitadas do cotidiano, ensinando-nos que a importância do extraordinário, em especial se registrado!

Juliana Rampim Florêncio



Professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a história da alimentação brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama. Na revista é a responsável pela coluna **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**, onde são tratados assuntos ligados à memória e às tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal, o calor do fogo cozinha junto com as panelas, e mantém aquecido o coração.

Beatriz Berçott



Fotógrafa e designer gráfica, é uma das sócias da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, sendo uma das responsáveis pela formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA, da Revista 15.47, dentro outros. Atua nas áreas de fotografia e criação, desenho com softwares de arte, criação de maquete 3D e produção de artes visuais a partir da fotografia e montagem. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, onde atua no segmento de fotografia e criação fotográfica, com contratos voluntários e particulares.

Na Revista 15.47 é uma das responsáveis pela diagramação e orientação referente a pesquisa de fotografia e design, bem como pela coluna **FOTOGRAFIA E ARTE**.

Alexandre Guerra



Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília - UnB, e realizador de projetos ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso, tendo participado de inúmeros Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBICs, e como aluno monitor na disciplina de História. Entusiasta da fotografia e aficionado por tecnologia, se dedica a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, tem como objetivo encontrar as diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento.

Na 15.47 é responsável pela coluna **GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE**, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.

- MERCADO, ARTE, CULTURA, DOCUMENTAÇÃO, PERCEPÇÃO E DESIGN**
- 07 **ARTE E HISTÓRIA**  
**O MERCADO DE ARTE - Parte I**  
**UMA INTRODUÇÃO, MUITOS DESAFIOS...**  
Por Patrícia Lunes Ávila e Silva
- 14 **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**  
**ACAV - THÉA SISSON**  
Por Malu Perlingeiro
- 19 **ARQUITETURA E PERCEPÇÃO**  
**transARQUITETURA: UM (IN)DISCIPLINA**  
Por João Diniz
- 30 **O DESIGN CRIATIVO +**  
**"ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA"**  
**DESCREVER AS CIDADES É PARA TODOS?**  
Por Angelina Nardelli Quaglia
- 34 **GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE**  
**GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE!**  
**UMA DE MUITAS PARTES!**  
Por Alexandre Guerra
- 40 **FOTOGRAFIA E OLHAR**  
**PARE PARA OLHAR**  
Por Vivi Manzur
- CONHECIMENTO, FÉ E SAÚDE**
- 45 **SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR**  
**NA SUA NOVA ROTA, ESPERANÇA É ESSENCIAL**  
Por Maria Helena Costa
- 48 **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**  
**A FÉ EM TEMPO DE PANDEMIA**  
Por Luciana Fonseca e Jéses Junior
- 54 **FEMININOS MÚLTIPLOS**  
**ELAS NA ESPLANADA**  
Por Maria Luiza Junior
- GASTRONOMIA, POLÍTICA E PATRIMÔNIO**
- 58 **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**  
**A COMIDA COMO CULTURA**  
Por Juliana Rampim Florêncio
- 60 **GASTRO CYTIES**  
**PIZZARIA DOM BOSCO OU PIZZA DO BAIXINHO?**  
Por Angelina Quaglia
- 63 **PATRIMÔNIO BRASÍLIA**  
**O QUE FAZER COM AS PROMESSAS**  
**DESSES CANDIDATOS ELEITO**  
Por Frederico Flósculo
- 66 **MÚSICA EM BRASÍLIA**  
**O TOM DA CONVERSA - ADRIAH**  
Por Jorge Nassar e Angelina Quaglia
- SOBRE A NOSSA VIDA**
- 69 **CRÔNICAS DO RUBENS**  
**O SAMBA DO PRÍNCIPE**  
Por Rubens Perlingeiro
- 70 **UM PROJETO PARA BRASÍLIA**  
**EM FEVEREIRO "TE VEJO" NO GALINHO DE BRASÍLIA**  
Por Angelina Nardelli Quaglia
- 71 **BRASÍLIA EM SEGUNDOS**  
**THALIJA**  
Por Frederico Flósculo

# O Mercado de Arte - Parte I

## Uma introdução, muitos desafios...

Por Patrícia Lunes de Ávila e Silva



Figura 01: O momento do leilão de arte  
Montagem: Angelina Quaglia

Na edição anterior da Revista 15.47, o assunto “Mercado de Arte” surgiu timidamente, no escopo do artigo, que trouxe a Arte Contemporânea como tema principal. Uma breve pincelada, quase um soluçar, entre temas tão instigantes e heterogêneos como estes que os nossos tempos explicitam.

Foi realizada, à época, uma abordagem fugaz desse setor, um dos mais relevantes do meio artístico, aquele que leva movimento à engrenagem e lubrifica as peças das inter-relações de seus principais agentes. Tentarei aqui,

portanto, uma reparação inadiável com observações introdutórias, dada a abrangência do tema.

Para esse mister, proponho um exercício de libertação. Sugiro que nos dispamos de algumas mistificações e preconceitos os quais rodeiam o tema e, muitas vezes, de forma prejudicial, tornam pouco eficiente aquilo que carece de objetividade e racionalidade. Pensar a respeito do Mercado de Arte requer o mesmo desprendimento que teríamos ao adquirir um carro ou investir em ações da Bolsa de Valores.

Falo de desprendimento, da necessidade de redirecionarmos nosso pensamento romântico para as energias dos números, a fim de compreendermos uma lógica própria, um outro dialeto, rodeado por códigos ininteligíveis para muitos. Subtraio da filósofa chilena Olgária Matos o pensamento: “A matemática é o esperanto da razão” (1).

Importante considerarmos que as mesmas leis básicas de mercado que regulam a venda e a aquisição de outros bens, devem ser levadas em consideração quando o assunto é mercado de arte. Como exemplo, citaria a conhecida relação: oferta - procura - precificação, e a influência da macroeconômica nas e mercado de arte.

Mas esse setor, em específico, possui humores próprios. Diferentemente do fluxo na Bolsa de Valores, que subentende vendedores diversos para atender às demandas de vários compradores, o

mercado de arte, a seu turno, lida com itens únicos, destinados a público reduzido, onde quem vende assume papel relevante no controle da negociação.

Nada obstante, o volume de transações comerciais em artes apontou crescimento expressivo durante a década anterior à pandemia de COVID-19. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Estudos Tributários - IBET, "o setor movimentou globalmente em 2003 um valor equivalente a US\$ 20 bilhões. Em 2016, esse número saltou para US\$ 56 bilhões e chegou a US\$ 63.7 bilhões em 2017. Além disso, houve um aumento de 75% no total de vendas de arte no mundo entre 2009 e 2017, apesar da crise financeira de 2008/2009, o que significa que esse mercado muitas vezes resiste à crise"(2).

Para o contexto brasileiro, as referências permanecem alentadoras. Pesquisas alimentadas por dados institucionais e teses acadêmicas, que se debruçam sobre o tema, surgem por entre brumas aparentemente intransponíveis. Números que corroboram certa ascensão e um significativo desenvolvimento das artes plásticas no Brasil, a partir de 2005 até 2015-2016, são confirmados pela criação de novos espaços, residências artísticas e publicações, assinalando maior profissionalização dos agentes culturais do sistema das artes (3). Em 2007, foi criada a Associação Brasileira de Arte Contemporânea - ABACT; em 2010, inaugurado o primeiro fundo de investimentos direcionado às artes plásticas em nosso país (*o Brazil Golden Art*); e em 2018, a Associação de Galerias de Arte do Brasil - AGAB.

Mas, o mercado de arte se distingue de tantas outras atividades econômicas por características muito próprias. Estamos a falar de um produto diferenciado, cuja fabricação (pelos artistas) e circulação no meio social respeitam as idiosincrasias que envolvem valores sentimentais, questões de gosto, modismos, engajamento, reconhecimento dos agentes influenciadores (galeristas, curadores e críticos de arte), prestígio e status. Trata-se de uma confluência de princípios estéticos e humanos subjetivos, legitimados, e de demanda de mercado; a arte *per si*, com todos os atributos simbólicos e o mundo do capital.

Esse mecanismo complexo explicaria, em parte, a alta volatilidade dos preços e o motivo pelo qual é tão difícil fazer prognósticos, a médio e longo prazo, das obras que poderão vir a ser mais valorizadas no futuro.

Dessa forma, a título de exemplo, uma tela adquirida por alto preço pode estar sujeita à descapitalização em poucos anos; outra, comprada por menos de R\$ 5.000,00 (valor limite para a isenção de declaração no Imposto de Renda), pode obter uma valorização de 300%, ou mais, sobre seu valor inicial de mercado. É perfeitamente possível, com dados específicos, apontar tendências, mas apenas a bola de cristal merliniana afirmaria, categoricamente, a direção exata do enriquecimento rápido. Sem quaisquer possibilidades de termos o artefato medieval diante dos olhos, retornemos aos números.

As informações que trazem o empirismo necessário para uma avaliação mais abrangente e segura desse mercado são escassas e, normalmente, ocultas por uma névoa de difícil dispersão. O que Ana Leticia Fialho denomina como “opacidade” nas informações torna evidente que há muito a ser estudado e desvelado (4).

Alguns dos sintomas clássicos que indicariam a origem dessa problemática podem ser listados com certa tranquilidade. Destacaria apenas três deles. O primeiro são os entraves que surgem quando se quer obter dados financeiros, usualmente fornecidos por galerias e demais agentes do setor. Poderíamos pressupor alguns motivos razoavelmente compreensíveis para essas recusas. Se, em certos casos, adquirir uma determinada obra de arte pode significar distinção social, é coerente que nem todos os novos proprietários fiquem confortáveis em revelar o valor despendido na transação. Há uma importante relação de confiança entre cliente e galerista que beira às práticas confessionais. Esse componente envolve questões de segurança e, ainda nesse caso, o sigilo torna-se fundamental.

Um segundo sintoma é a dinâmica do processo específico de precificação. No período histórico do Modernismo, utilizava-se o sistema de cálculo baseado no metro linear da obra, ainda adotado por muitos em nossos dias. O método tradicional (para obras de valor material, excetuando-se outros suportes artísticos) utiliza a regra custo de produção multiplicado por quatro. Mas há controvérsias. Existem artistas que praticam a adoção do triplo, acrescido da comissão do *marchand* ou galerista. Nesse caso, o elemento flutuante, subjetivo, está naquilo que pode conferir valor agregado, como: tempo de estudo do artista, residências artísticas, material utilizado, inovação, repercussão midiática inicial. Estudos comparativos de outros artistas contemporâneos, com obras e técnicas “similares”, sempre serão muito bem-vindos. Aqui estão questões importantes quando se está a falar de mercado primário da arte.

Quando a obra, já no mercado secundário, está em circulação como revenda, entre galerias, leilões e compradores ou colecionadores, aspectos como: comentários de críticos de arte e demais agentes nos âmbitos institucionais, período de trajetória do artista, inclusão da obra em acervos particulares ou institucionais importantes, locais onde foram expostas, catálogo *raisonné*, prêmios recebidos, dentre outros, podem modificar valores iniciais. É de uso comum o percentual do galerista oscilar entre 40% e 50% do valor final da obra, a depender de gastos outros com feiras, transportes, divulgações, conservação etc, como é possível perceber, novamente, as variáveis assumem papel central na negociação.

É neste momento que o preço da obra torna-se refém, quase inanimado, das especulações de mercado. Para alguns atores, não é interessante divulgar quanto custa determinada obra cujo montante foi acrescido de alguns “zeros” ao seu valor inicial, insuflado por uma estratégia de marketing duvidosa ou por simples interesse em alavancar a carreira do artista. Importante lembrar que essa dinâmica ajusta-se tanto ao mercado primário da arte quanto ao secundário, que são correlatos (5).

Finalmente, a falta de legislação específica e de marcos regulatórios formam o terceiro sintoma. Sem quaisquer dúvidas, esse é um dos grandes e mais delicados entraves à exposição de relatórios financeiros.

Os problemas poderão surgir desde o momento em que é feito o contrato do artista com o galerista até a finalização da venda com o cliente. A carência de material legal que arbitre, especificamente, sobre comércio de arte e todas as suas nuances (há aspectos específicos que são contemplados no Direito Tributário, Direito Autoral, Direito Comercial) dificulta a penalização de procedimentos, como sonegação fiscal, falsificação e lavagem de dinheiro. Este último, quase sempre, com larga divulgação por meio dos veículos de imprensa.

Com as recentes práticas de vendas feitas por meio das plataformas on-line, esses obstáculos tendem a ser minimizados. Já é possível observar galeristas, *marchandes* e *art advisors* expondo parte do acervo, com seus respectivos valores, no ambiente virtual, trazendo alívio a um dos pontos nevrálgicos do mercado de arte. Contudo, nos períodos em que as mudanças de comportamento surgem, logo em seguida, momentos de acomodação, de sedimentação dos novos hábitos, são identificados. Na realidade, coexistem a novidade e as práticas tradicionais, até que disso resulte um terceiro hábito hibridizado (6). Inúmeras configurações importantes apareceram com esse novo padrão de comportamento de consumo e eles passam, necessariamente, pela identificação de um conjunto emergente de compradores, os *millenials* ou geração Y.(6) (Fig 06)

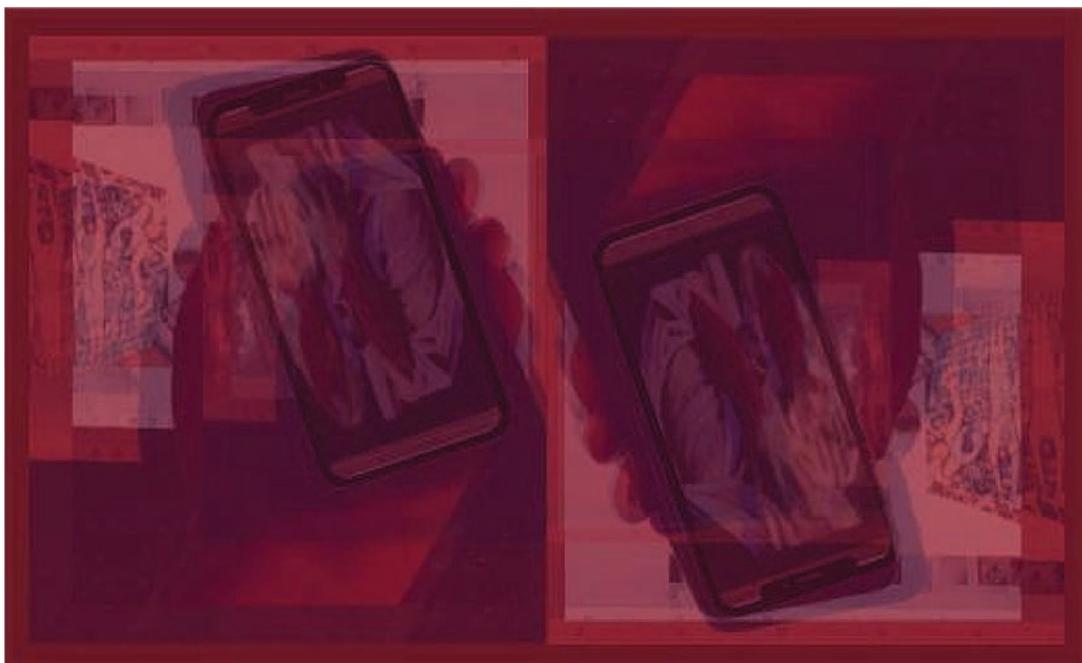


Figura 06: obra compras da geração Y - 2021  
Autor: Angelina Quaglia

Sucessores da geração X, os Y se difundiram pelo mundo, fortemente atrelados às conquistas tecnológicas. Fazem parte de um grupo muito específico, com idade que oscila entre 20 e 35/38 anos, totalmente familiarizados com os ambientes informatizados. Tipicamente urbanos, obtêm informações sobre seus interesses de consumo por meio de blogs em que confiam, não exatamente de fontes reconhecidas como tradicionais.

Grosso modo, o encantamento pela possibilidade de tornar objetivo um ritual muito característico do ambiente de venda de obras de arte, levou, para o tabuleiro de xadrez, peças (peões, reis e rainhas) que dispunham de energia em profusão e habilidade suficiente para um xeque-mate rápido e indolor. Ao invés de uma ou mais visitas às galerias e escritórios especializados, locais intimidadores para muitos, está o conforto de poder navegar, refestelado no sofá da sala... nada há como o aconchego do ambiente doméstico e a segurança de um computador fiel e conhecido. Muitos sentiram-se felizes com a troca das negociações presenciais pela praticidade da aquisição a um "clique", em que, também, um eventual desinteresse ou desistência poderá ocorrer sem maiores constrangimentos ou necessidade de justificativas.

No entanto, tenho a convicção de que o excesso de praticidade sacrifica, como um carrasco inclemente, algo do encantamento, do prazer que se tem ao se admirar a obra de perto, sentir o calor ou o frio de suas cores em nossa pele. De que outra maneira gozaríamos da alegria de trocar histórias curiosas, descritas pelos artistas, notas sobre técnicas e informações de bastidores que não constam dos manuais, dos livros ou das ferramentas de busca sobre arte caso não houvesse os encontros e as trocas pessoais?

Mas o mercado, de mãos postas em direção aos céus, agradece enternecido. Altíssimas cifras vieram desses novos fiéis compradores já convertidos. O estudo a respeito do mercado de arte carece, sem dúvidas, da objetividade de seus números e de investigação de seus códigos, nem sempre muito claros, mas é inquestionável que a arte ainda permanece como uma das grandes relíquias do pensamento humano. Essa musa, que inspira o trabalho tangível, mensurável, não obstante etéreo em seu nascedouro. Desconsiderar essa importância seria desprezar séculos de conquistas na psicologia, na filosofia estética e na sociologia.

Neste contexto incerto, no qual o mercado procura adaptar-se às novas formas de comportamento de consumo, nós, partícipes da cadeia formada por agentes culturais, ainda tentamos, de alguma forma, posicionarmo-nos frente ao inusitado, para mencionar o mínimo.

Os mais afoitos, caso sucumbam à tentação de fixarem comportamentos e tendências a longo prazo, certamente incorrerão no risco de terem suas biografias atreladas às dos adivinhos medievos. O momento pede análise e não permite a falta de reflexão e de prudência. Respiremos fundo e afastemo-nos, incontinentes, da vaidade cega. A história talvez reacenda fogueiras que a humanidade, há muito, optou por esquecer.

**Adendo:** Nos próximos números da Revista 15.47, o tema Mercado de Arte segue trazendo subtemas. Agentes culturais: papéis e áreas onde atuam; a *net art* e a arte digital em um novo mercado; marketing e marcas; o mercado internacional e a visibilidade possível; o artista e a obra (criador e criatura).

## Notas

(1) Olgária Matos é filósofa e pós-doutora pela *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*. Atualmente, professora da USP. A referida citação foi extraída de aula do Curso de pós-graduação em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia da PUCRS, 2021.

(2) IBET - Instituto Brasileiro de Estudos Tributários. Tributação de Coleção de arte, Anna Carolina Bernardes, 2018. Os dados mencionados foram retirados de pesquisa realizada pela *ArtTactic*: Empresa especializada em elaboração de análises sobre o Mercado de Arte.

(3) Informação obtida do Projeto Latitude - *Platform for Brazilian Art Galleries Abroad*. O Latitude é um programa desenvolvido para promover a internacionalização do mercado brasileiro de arte contemporânea. A Dra. Ana Letícia Fialho esteve à frente do projeto até o ano de 2015 (vide bibliografia). Para informações consultar [www.latitudebrasil.org](http://www.latitudebrasil.org).

(4) Ana Letícia Fialho, Curso Mercado de Arte no Brasil: expansão recente, futuro incerto, em maio de 2020. O conteúdo das aulas tem como base cerca de 15 anos de pesquisa da autora sobre o tema. Suas argumentações estão embasadas em sua tese de Doutorado em *Sciences de L'Art et du Langage*(2006), com o título: *L'insertion internationale de L'art brésilien. Une analyse de la présence et de la visibilité de l'art brésilien dans les institutions et dans le marché*.

(5) No mercado primário de arte o artista contemporâneo entrega sua obra ao galerista ou ao comprador diretamente. O preço é então estabelecido por primeira vez, com ajustes de valor, a depender da projeção do artista. No mercado secundário, a obra já registra uma boa circulação, mais de um proprietário e participação em leilões. Fazem parte desse nicho artistas já consagrados, vivos ou não, por exemplo. Sob essas condições já é possível estabelecer parâmetros mais diversificados de valores e identificar eventuais oscilações.

(6) Mercado primário + mercado secundário. Além de ser uma forte tendência observada em Estados da Federação, já nos é possível, há algum tempo, identificar esse movimento de absorção do mercado secundário por agentes que inicialmente lidavam apenas com o mercado primário; trata-se de um sistema binário de atuação. Galeristas, *art advisors*, *marchandes* (ainda que atuem sem um espaço físico específico) utilizam seu networking ou uma carteira fixa de clientes e colecionadores para aquecerem seus negócios. Alguns desses agentes "solitários" formam um grupo interessante, atuante, cujas atividades são de difícil mensuração.

**Bibliografia:**

FIALHO, Ana Letícia. **Dissertação de Doutorado em Sciences de L'Art et du Langage(2006), com o título: *L'insertion internationale de Liart brésilien. Une analyse de la présence et de la visibilité de l'art brésilien das les institutions et dans le marché.*** 2006.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Setorial Latitude sobre o mercado de arte contemporânea no Brasil.** Latitude, agosto de 2013.

GREFFE, Xavier. **Arte e Mercado.** São Paulo, Iluminuras: Itaú Cultural, 2013. Observatório Itaú Cultural.

MOULIN, Raymonde. **O Mercado de Arte: mundialização e novas tecnologias.** Porto Alegre, Editora Zouk, 2007.

QUEMIN, Alain [et alia]. **O valor da obra de arte.** São Paulo, Metalivros, 2014.

STOCCO, Daniela. **O mercado primário de arte contemporânea no Rio de Janeiro e em São Paulo.** Rio de Janeiro, UFRJ\IFCS, 2016. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e Université Paris 8, França.

## Théa Sisson – Parte I

Por Malu Perlingeiro



Figura 01: Théa Sisson

Para esta 3ª edição da Revista 15.47 entrevistamos a artista plástica THÉA SISSON (Fig. 01), não apenas pelo belo trabalho que realiza como artista visual, assunto que será abordado na próxima edição da revista, em abril, mas também como presidente da **ASSOCIAÇÃO CANDANGA DE ARTISTAS VISUAIS - ACAV** (Fig. 02).

**Théa, seja bem-vinda à REVISTA 15.47. Fale-nos um pouco sobre você. Desde quando exerce o cargo de Presidente da ACAV?**

Assumi a função em maio de 2019, quando a então presidente Helena da Silva Lopes teve a necessidade de se afastar. A ACAV tem um calendário estruturado, com projetos para a realização de exposições em galerias e espaços culturais, oferecendo aos associados oportunidades de mostrar e negociar suas obras, assim como de incrementar seus currículos.



Figura 02: logomarca ACAV

Minha intenção ao me oferecer para assumir a função, apesar de ser grande a responsabilidade, foi a de “agarrar o touro à unha”, com o foco de manter a diretoria coesa e, apesar das limitações e escassez de recursos, dar continuidade ao que há anos tem sido realizado, além de informar e formar artistas, incentivando associados a se unirem e a se reinventarem. Muitas parcerias estão estabelecidas e devem ser mantidas, como, por exemplo, a Galeria da Casa Thomas Jefferson, o Espaço Cultural do Iate Clube de Brasília, a The Gallery, a Pátio Galeria de Arte, o Espaço Cultura da Codevasf, dentre outros. Infelizmente, o coronavírus interrompeu em 2019 a exposição que estava sendo apresentada e impediu tantas outras de acontecerem, embora a Pátio Galeria tenha possibilitado em seu espaço a realização da Exposição Anual ACAV 2020.

Parcerias para a realização de cursos, workshops, palestras também sempre estiveram nos planos da ACAV e continuarão a ser promovidas, assim que a pandemia terminar e o “novo normal” permitir que voltemos às atividades.

Até maio de 2021 ainda estarei à frente da atual gestão, quando passarei a função para a próxima diretoria. E como sempre aconteceu, pretendo seguir ajudando, apoiando e contribuindo para que a ACAV continue a ser a associação que representa força e união da classe artística na cidade, cada vez mais aceita e reconhecida por seu valor e pelo nome conquistado com muito trabalho e seriedade.

**Théa, muitos dos que estão lendo esta revista não sabem que existe uma associação no Distrito Federal voltada para a arte e a cultura. Conte-nos sobre a criação da ACAV.**

A Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV), foi constituída em 12 de março de 2009 e registrada em cartório como pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e duração por tempo indeterminado, com sede e foro em Brasília, DF. A fim de vencer o quadro de ausência de apoio e incentivo sentido pelos à época associados, foi fundada essa nova entidade de classe pela artista, curadora e fomentadora da arte Flávia Isa Obino Boeckel, com o apoio de proeminentes nomes no campo da Arte e da Cultura de Brasília, como Athos Bulcão, Marlene Godoy, Omar Franco e Darlan Rosa, igualmente criadores de uma sociedade que já existia na cidade. A ACAV congrega artistas visuais do Distrito Federal e Entorno. Falecida em maio de 2018, a carioca Flavita Boeckel, pioneira, chegada a Brasília em 1960, sempre engajada em projetos sociais e coletivos de arte, deixou-nos esse grande legado.

**Explique-nos o porquê de o nome da associação se referir a ARTISTAS VISUAIS, e não a ARTISTAS PLÁSTICAS.**

Por muitas vezes escutamos, durante visitação às exposições, a pergunta com relação aos artistas serem deficientes visuais. Existe uma diferença entre as definições de Artes Visuais e de Artes Plásticas: ARTES PLÁSTICAS são as chamadas BELAS ARTES, a pintura, o desenho, a gravura, e a escultura. Do latim *ars*, a arte diz respeito às criações do ser humano que procuram expressar uma visão sensível do mundo real ou imaginário. ARTES VISUAIS, mais abrangentes que as artes plásticas, exploram os meios tradicionais representando as manifestações artísticas, muitas vezes apoiadas em novas tecnologias, além de conceitos mais atuais e abordagens muitas vezes imprevisíveis. Dentre elas estão a pintura, a escultura, o desenho, as artes gráficas, a fotografia, o cinema, o design, a arte urbana, a pintura mural, a dança, a performance, as instalações, as intervenções e a arte digital, dentre outras.

**Quais são os princípios e os objetivos da ACAV?**

Os princípios da ACAV são: melhorar a qualidade de vida da população e seu desenvolvimento sustentável, promover a cidadania, união, paz e respeito aos direitos humanos; contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e de direito, fundamentada em valores éticos e morais; observar os princípios da legalidade, impessoalidade e da moralidade, sem qualquer discriminação de raça, cor, gênero ou religião.

O objetivo da ACAV é congrega artistas visuais do Distrito Federal e região, possibilitando a realização de atividades associativas e compartilhadas, notadamente para: incentivar e promover a criação artística no DF e região ; prestar serviços de interesse dos sócios (diretamente ou por meio de parcerias, convênios e contratos com outras entidades); melhorar as interações, as trocas de informações, experiências e intercâmbios entre os sócios e outras associações congêneres; manter permanente sistema de informações sobre mostras, feiras, oportunidades de financiamento e patrocínio às artes visuais; organizar e realizar eventos, mostras, feiras e outras atividades de divulgação e vendas; apoiar o desenvolvimento de projetos artísticos, culturais e sociais de relevante interesse comunitário; e colaborar com outros órgãos públicos ou privados na promoção e divulgação das artes visuais.

**E quanto ao número de associados? A ACAV é constituída por número limitado de artistas? Existem categorias estabelecidas?**

A ACAV é constituída por número ilimitado de sócios, distribuídos nas seguintes categorias: efetivos, fundadores e honorários. Os sócios devem residir ou ter vínculos de atividades artísticas no Distrito Federal e região. Segundo o Estatuto vigente, sócios efetivos são admitidos mediante solicitação do interessado, preenchendo a ficha de inscrição, com comprovações de sua identidade e de atuação em artes visuais. Sócios fundadores são aqueles relacionados na Ata de Fundação da ACAV e devem cumprir todas as obrigações e deveres dos sócios efetivos. Sócios honorários são personalidades eminentes, indicados pelos órgãos de decisão e gestão ou por cinco sócios efetivos e aprovados em Assembleia Geral.

Para os que têm dúvida sobre os critérios para sua aprovação como associado, esclareço que não é exigido que o artista já tenha um caminho percorrido e reconhecido nas artes. O solicitante pode ser autodidata, ser iniciante, porém deve mostrar qualidade em seu trabalho e demonstrar que pretende se aprimorar e crescer no que faz.

**Quais são os órgãos de decisão e gestão? Como são compostas as funções?**

Esses órgãos são constituídos por: Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e Conselho Consultivo. Caso seja necessária, a decisão deverá ser levada à Assembleia Geral. Com relação às funções, a Diretoria Executiva é composta por um Presidente, um Vice-Presidente, um Diretor e um Vice-Diretor Administrativo, um Diretor e um Vice-Diretor Financeiro, um Diretor e um Vice-Diretor de Arte, um Diretor e um Vice-Diretor de Comunicação Social.

**E quanto às receitas e ao patrimônio da ACAV?**

As receitas e o patrimônio são constituídos pelas anuidades pagas pelos sócios (podem ser pagas à vista ou em duas parcelas semestrais), contribuições e doações recebidas de pessoas físicas ou jurídicas, recursos provenientes de contratos e convênios, proventos oriundos de atividades e eventos

promovidos pela associação (mostras, exposições, cursos, palestras, workshops), e bens móveis ou imóveis recebidos por doação ou adquiridos em nome da ACAV.

**Muitos associados manifestam desejo de se profissionalizar. Esses artistas poderiam receber orientação sobre como proceder?**

A ACAV orienta os associados a se habilitarem como profissionais na Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF. O Cadastro de Habilitação de Artista Plástico Profissional é muito importante para que sejam reconhecidos e valorizados em sua profissão.

Ele é necessário para que se faça parte da relação de artistas do DF que podem participar da "Lei do Habite-se", possibilitando a venda de obras para atender às construtoras e incorporadoras imobiliárias, Lei nº 2.691, de 21 de fevereiro de 2001 - DODF de 23.04.2001.

Para os que desejam cadastrar-se na Secult/DF, o link é:

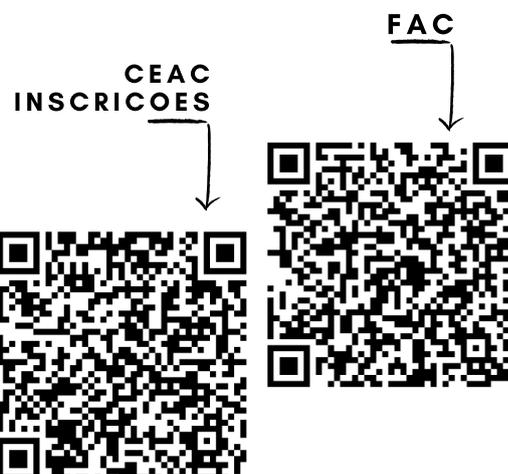
**<http://www.cultura.df.gov.br/certificado-de-habilitacao-artista-plastico-profissional/>**.

CERTIFICADO DE  
HABILITAÇÃO ARTISTA  
PLÁSTICO PROFISSIONAL



**Como fazer para participar de editais do Fundo de Apoio à Cultura no DF, muito importantes para o fomento da arte? Existe algum procedimento?**

Sim, existe. Após o artista ter sua habilitação como profissional aprovada, ele/ela deve se dirigir ao Conselho de Cultura (como pessoa física) e solicitar o Cadastro de Ente e Agente Cultural, munido dos documentos necessários informados no site, e o formulário de requisição, obtidos no **<http://www.fac.df.gov.br/>** ou diretamente no **<http://www.cultura.df.gov.br/ceac-inscricoes/>**.



## Memórias ACAV:

As memórias são parte fundamental na criação de ARTE, e não seria diferente para a ASSOCIAÇÃO CANDANGA DE ARTISTAS VISUAIS (ACAV). Seguem algumas das memórias da fundação da ACAV (Fig. 03; Fig. 04 e Fig. 05 ), e a Exposição Anual da ACAV Flavita Obino Boeckel, em 2019 (Fig. 06).



Figura 03: Celina Ribeiro Kalfman, Flavita, Manoel D'Azevedo e Rocha Maia



Figura 04: Flavita Boeckel, criadora da ACAV, Perpe Brasil e Eusanete Sant'Anna



Figura 06: Exposição Anual da ACAV - 2019



Figura 05: Membros fundadores



# transArquitetura: uma (in)disciplina

Por João Diniz <sup>1</sup>

O ensino da arquitetura conta com uma ampla gama de matérias que versam sobre tecnologia, história, técnicas de representação, legislações afins e práticas em projetos de edificações e urbanísticos. Mesmo assim, visando um conhecimento ainda mais amplo na formação desse profissional, imaginou-se que os estudantes e interessados pudessem ter um fórum que relacionasse a profissão, num amplo espectro, a outros conhecimentos ligados à cultura e à sua produção em itens diversos, tais como artes visuais, literatura, cinema, teatro medicina, filosofia, meio ambiente, jornalismo, comunicação, espiritualidades e outros.

Assim surge a transArquitetura, um tema que tem comparecido nas publicações que fiz e em minha atividade acadêmica a partir de 1999 no curso de arquitetura da Universidade Fumec em Belo Horizonte. A prática dessa, que costumo chamar de uma "(in)disciplina", começa a ocorrer nos primeiros anos desse curso e, a partir daí, em oficinas e atividades isoladas em eventos de outras escolas de arquitetura brasileiras.

Em 2010, a convite das editoras do número 6 da REVISTA PERIÓDICA BLOCO da Universidade FEEVALE de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e dedicada à prática interdisciplinar da arquitetura e urbanismo, apresentei o texto "Transversalidades Convergentes: reflexões sobre um fazer arquitetônico expandido", que, dentre outros assuntos e conforme apresentado a seguir, aborda os conceitos e alcances da transArquitetura.<sup>2</sup>

A experiência pessoal sempre acontece num território de constatações práticas e teóricas e nos leva a um espaço de contradições várias, de erros e acertos, de avaliações e tentativas num universo existente e possível, real e incompleto, povoado de sonhos e frustrações. Então, como professor em uma escola em formação, e a partir de minha prática profissional como realizador de projetos, me vi envolvido na Universidade Fumec em Belo Horizonte lecionando em disciplinas de projeção edilícia, fazendo da experiência, de minha bibliografia própria um ponto de partida para ensinar e ouvir.

---

**1 Os livros 'João Diniz Arquiteturas' (AP Cultural E Arte Editora) de 2002 e 'Depoimento / Circuito Atelier (Arte Editora) contêm artigos abordando a transArquitetura.**

**2 DINIZ, Joao A. V. "Transversalidades Convergentes: reflexões sobre um fazer arquitetônico expandido". In Bloco (6) Arquitetura em Festa, organização por Pellegrini, Ana Carolina e Vasconcellos, Juliana Caldas de. Novo Hamburgo. Universidade Feevale, 2010.**

Posteriormente identifiquei as carências desse alvo acadêmico preferencialmente focado no objeto arquitetônico e na beleza e eficiência do edifício, e me ocorreu a criação de uma disciplina inter-conceitual onde coubessem todos os tipos de interesses satélites ao entender do mundo e da vida através da arquitetura, construindo conexões com os outros saberes e práticas, conexões inéditas e até forçadas, que tentariam encontrar, na transversalidade e na subjetividade, novos estímulos que quebrassem o panorama escolar vigente, composto muitas vezes por alunos sonolentos e professores arrogantes.

Propus então a transArquitetura, disciplina curricular eletiva, como uma maneira própria e nova de abordar a nossa profissão mutante e híbrida, que, apesar de muitíssimo antiga, merece sempre ser explicada, pois parece que, ao longo dos tempos, as comunidades não sabem ainda objetivamente o que é o Arquiteto, o que pode fazer e até como pode chegar à sua real função social. Constatei que o termo transArquitetura já existia internacionalmente, mas em práticas de arquiteturas virtuais e realidades informatizadas.

Essa nova disciplina acontece numa abordagem orgânica, focada no indivíduo e em sua relação consigo mesmo e com os seus grupos afins, onde os possíveis cinco ou mais sentidos humanos são a partida para o diálogo com outras profissões e saberes numa perspectiva inicialmente cultural e artística, e expandida aos universos da saúde, da espiritualidade, da consciência política e ambiental, da inclusão social, da experimentação de linguagens diversas, e lógica e objetivamente do fazer arquitetônico quiçá embasado por todo este arcabouço de viagens objetivas ou não.

O “espírito Trans” aparece então como coexistência de conhecimentos, aparentemente diversos, desconectados até então, mas imantados na reflexão conjunta e na experimentação. Objetivamente, a matéria funciona eventualmente na oferta curricular da universidade, ou em oficinas temporárias e itinerantes. Mas, antes disso, é importante como maneira de pensar a profissão numa perspectiva própria inventando o transArquiteto, um talvez não especialista, ou sábio doutor desta (in)disciplina.

Essa matéria foi ministrada em alguns semestres no começo dos anos 2000 na Universidade Fumec em BH. A partir de divulgações desses conceitos na internet, partes dessas investigações passam a ser ofertadas em atividades curtas, em eventos, na maioria das vezes, a convite de estudantes, nas semanas de arquitetura anuais que intentam abordar vivências extracurriculares.

No segundo semestre de 2020 o coordenador do curso de arquitetura da Universidade Fumec, o arquiteto Jacques Lazzarotto, no sentido de trazer atividades que trouxessem um diferencial às disciplinas ofertadas remotamente durante a pandemia, me propõe que fossem retomadas as aulas da transArquitetura. Assim a matéria passa novamente a receber matrículas e se propondo a investigar as possibilidades da profissão em diálogo com outras áreas da cultura e do saber.

Seguindo o modelo da primeira edição da disciplina, nos anos iniciais do curso, as aulas semanais abordam, através das reflexões realizadas pelo professor, estudantes e convidados externos, as interfaces entre a arquitetura e assuntos complementares e pertinentes a ela, tais como: criatividade, artes visuais, literatura, comunicação, natureza, saúde, filosofia, música, ciências sociais, e cidade pós-pandemia, dentre outros. O sistema remoto foi favorável a esses diálogos, uma vez que permite a participação de convidados de outras cidades e países.

Esses convidados são pessoas destacadas em suas áreas de atuação. No segundo semestre de 2020 por lá estiveram o artista visual e escritor Marcelo Xavier, a historiadora e crítica de arte Marília Andrés, a jornalista Daniell Zupo e a pediatra Simonete Torres (Belo Horizonte), o poeta Luis Turiba (Rio de Janeiro), o fotógrafo Eduardo Trópia (Ouro Preto), o músico Estevão Teixeira (Juiz de Fora), o arquiteto ambientalista Mauricio Andrés (Brasília), e a filósofa Angélica Sátiro (Barcelona), dentre outros/as que se dispuseram a comparecer às aulas virtuais participando de um diálogo envolvendo as interfaces de suas atividades profissionais e o fazer arquitetônico. A ideia é que em cada semestre haja convidados diferentes, permitindo a participação de alunos de semestres anteriores; e que cada aula remota seja gravada e disponibilizada online numa espécie de fórum permanente sobre o assunto.

Durante e a partir das aulas ministradas, estudantes são estimulados a realizar breves trabalhos práticos sobre cada um dos assuntos apresentados, a partir de uma abordagem tripla que envolve três focos: a **curiosidade** - ou a descoberta de um problema a ser resolvido; a **analogia** - como detecção de áreas de estudo para a resolução desse problema; e a **experimentação** - ou uma experiência autoral no tratamento da questão (Fig. 01). Esse triplo enfoque para a aproximação e ação sobre determinado tema é sugerido no livro de Walter Issacson como procedimentos recorrentes nas ações criativas de Leonardo da Vinci (talvez o principal transArquiteto). Esses trabalhos dos estudantes vão compondo progressivamente um livro individual, onde cada capítulo se refere a cada uma das aulas, e que é entregue no final do semestre. As notas são dadas num sistema de autoavaliação feita pelos próprios estudantes, considerando a execução desse livro proposto e a participação ativa nas aulas.



Figura 01: O diagrama da tansArquitetua

Em 2012 o Instituto Arte das Américas - IAA sediado em Belo Horizonte, junto com a UFMG e a UEMG, promoveu o V Fórum Artes das Américas no Museu da Pampulha em Belo Horizonte, discutindo a transversalidade nas artes contemporâneas referentes à relação entre arte e ciência, arte e arquitetura, entre o diálogo entre as artes e as mídias e entre a crítica e curadoria; e, dentre outros palestrantes, apresentei uma reflexão sobre essa disciplina através da leitura do documento, ou manifesto, reproduzido a seguir:

## UM POSSÍVEL MANIFESTO

**TRANSARQUITETURA:**

A contemporaneidade está plena de recursos comunicativos, mas existe dúvida se estas redes invisíveis realmente geram novos conhecimentos, encontros, produções e conteúdos, e se conseguem vencer a atual cultura da dispersão e a obsolescência programada nas ideias descartáveis que aparecem como imediatos e mediáticos bens de consumo.

Por outro lado, o pensamento humano segue descontínuo no labirinto dos sentidos, no divagar das horas e das esperas, no foco multidirecional das dúvidas, vontades e ações, e varia entre as dificuldades do ser, as possibilidades do fazer, a brevidade das atenções, a diversidade de interesses e a expansão do corpo e da alma no universo intemporal.

A natureza é múltipla e interativa e coloca sempre em risco, numa restrição de vida, os seres extremamente especializados, propondo sequências, inter-relações e diálogos complementares, o homem pretendo senhor dessa ordem refuta o inesperado caos, mas é sempre surpreendido, em seu domínio mecânico e frágil, pelas catástrofes do pulsar geográfico ou da crença exacerbada.

Mas existem os agentes do avanço na observação do inesperado, na tradução dos opostos, no risco do pensamento e do gesto, no ímpeto selvagem que propõe a variedade de disciplinas e rumos, nas hipóteses das escutas e das vozes, nas caravanas e nos retiros, no intercâmbio humano e espiritual de um tempo expandido que nunca é só presente, mas que só se realiza na ação imediata.

Os temas de Leonardo se integram em minúsculos códices, da escrita inversa ao medíocre, na polifonia de sentidos e diagramas, na integração da anatomia e da máquina, do som e da luz, do texto e do traço, do movimento e do peso, da hélice, da roda, do prato, do guardanapo, do canhão, da ideia e do engenho, da cidade, da ponte e do canal, da guerra, do descanso e do humor.

A cultura digital propõe o novo renascimento nas ferramentas plurais, na bagagem sem peso de uma integração necessária e oculta, no congestionamento físico dos modelos vencidos ou em agonia, nas nuvens invisíveis dos tempos históricos e virtuais estão as saídas sensíveis que refutam a ignorância herdada, da apatia da dominação intolerante e dos ataques velados em raiva.

A leveza ativa do pássaro se opõe à frágil pena que cai, no vento ocasional das tendências ditadas e obedecidas, a asa ativa busca seu foco, e flutua nas correntes da polêmica, tentando subir além das tempestades e dos ataques, vislumbrando a autonomia e limite do voo, nos seus mapas mentais, local e momento do pouso e acolhida do desconhecido, ou não.

A arquitetura do homem une arquiteto/arte à tectura/tessitura, ideia e fazer, projeto e matéria, pedra e arco, parede e espaço, na indisciplina do sonho há o rigor variável das metas, no vácuo indefinido do nada pode estar a síntese do lugar, a mão cuidadosa tenta seu papel ao buscar o traço que une o tempo inexistente ao significado da imagem e da palavra.

Pelas proposições cordiais da provocação e dos idiomas estão os transversos passos das esquinas, das praças, das festas, os sentidos vários do corpo e da alma conduzem as matérias da viagem e da chegada no roteiro integrado das culturas, dos valores ambientais, das viabilidades econômicas imaginadas, e dos respeitos sociais que devem sustentar os dias que passam.

A idade durável do cosmos pode transpassar os atores breves nas décadas transcorridas, na existência transposta em artes, transparentes ou intransigentes, transmitidas ou intronéticas, transportadas ou atravessadas, em tranças ou em tranças, em trapos ou em tranças, mas sempre através da trama, do espírito trans, aberto, curioso, aprendiz, atento e sereno.

A transArquitetura é o local onipresente da experimentação, o plano de cada ser em função das próprias e gerais demandas, uma maneira individual e coletiva de ter tempo e ser tido por ele, de construir na existência todas as possibilidades frente às barreiras, de fazer uma história engenhada nas poéticas do espanto, alimento para os sujeitos sempre iniciantes em sua experiência.

Na transArquitetura o desconhecer não é barreira mas caminho, o saber não é estilo mas maneira de sempre renovar o olhar, a profissão não é limite mas a forma de reinventar vocações, o instante é uma paixão provocante que deve ser sempre conquistada no espaço que nasce na mente presente, observante e agente, todos são diversos, unidos, sensíveis, possíveis, na transArquitetura.

---

“TRANSARQUITETURA: UM POSSÍVEL MANIFESTO”

“TRANSARQUITETURA: UM POSSÍVEL MANIFESTO”

No sentido de exemplificar as possibilidades práticas desses conhecimentos, tomarei como estudo de caso as ações realizadas por intermédio do meu escritório de projetos em Belo Horizonte, o JDArq, e as edições e apresentações efetuadas conjuntamente com o coletivo Pterodata que criei e que conta, em situações variadas, com a colaboração de autores de diversas áreas, tais como músicos, atores, locutores, cineastas, artistas visuais e poetas.

A arquitetura, propriamente dita, é um ponto de partida para a construção desse pensamento, e acontece em várias escalas, como a de residências na Casa Eugênia (Fig. 02) e Casa Serrana (Fig. 03); na habitação coletiva, como nos residenciais Gameleira (Fig. 04) e Monet (Fig. 05); em edifícios de uso misto com destaque na paisagem urbana, como ed. Capri (Fig. 06) e Scala (Fig. 07); em espaços públicos, como a Praça Sete de Setembro em BH (Fig. 08) e a Praça do Barão em Sabará (Fig. 09); em edifício escolar,

como a Escola do CIAAR (Fig. 10); em edifício religioso, como a Capela em Lagoa Santa (Fig. 11); e em planos urbanísticos, como os projetos para o Campus e edifícios do CIAAR em Lagoa Santa MG (Fig. 12).



Figura 02: CASA EUGÊNIA



Figura 03: CASA SERRANA



Figura 04: Residencial Gameleira



Figura 05: Residencial Monet



Figura 06: ed. Capri



Figura 07: ed. Scala



Figura 08: Praça Sete de Setembro em BH



Figura 10: Escola CIAAR



Figura 09: Praça do Barão em Sabará



Figura 11: Capela em Lagoa Santa



Figura 12: Projeto para campus CIAAR

Existem também as realizações híbridas, como o multissensorial Pavilhão Cuboesia (Fig. 13); a exposição Teia, que une investigações em torno de estrutura e escultura (Fig. 14); as pinturas da série Decifráveis, que une poesia e artes visuais; os trabalhos de fotografia autoral apresentado em edições, como no livro Visible Cities (Fig. 15) e na exposição na Galeria Carminha Macedo em BH (Fig. 16).



Figura 13: Pavilhão Cuboesia



Figura 14: Exposição Teia

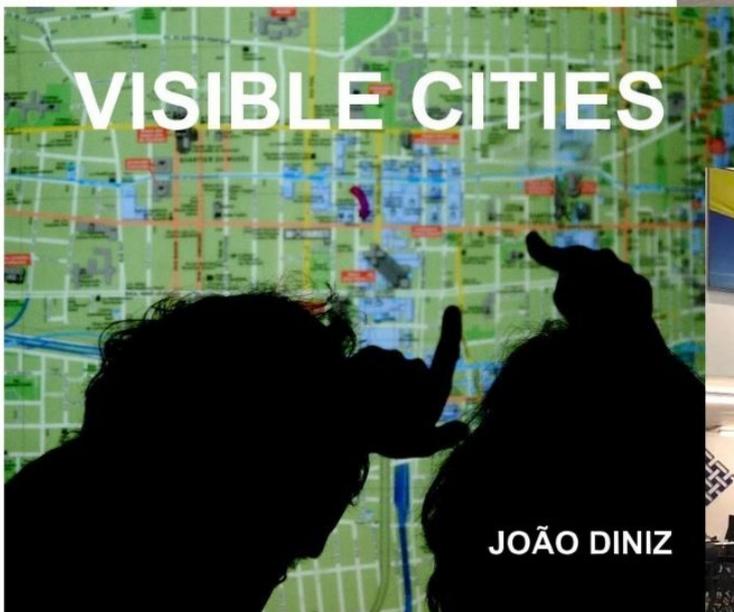


Figura 15: Livro Visible Cities



Figura 16: Galeria Carminha Macedo

No campo das edições, disponíveis em volumes físicos ou virtuais, temos o projeto Ábaco, que gerou o livro de poesia CD musical e performances, o livro Arte de Obra, com o fotógrafo Cristiano Machado, o livro Aforismos Experimentais ou O Livro das Linhas, lançado em dezembro de 2020 (Fig. 17); as investigações no campo da música geraram seis CDs (Fig.18); no território do vídeo temos o DVD camerAção, com 28 filmes que variam entre 1 e 29 min (Fig. 19).



Figura 17: Livros fruto da transArquitetura

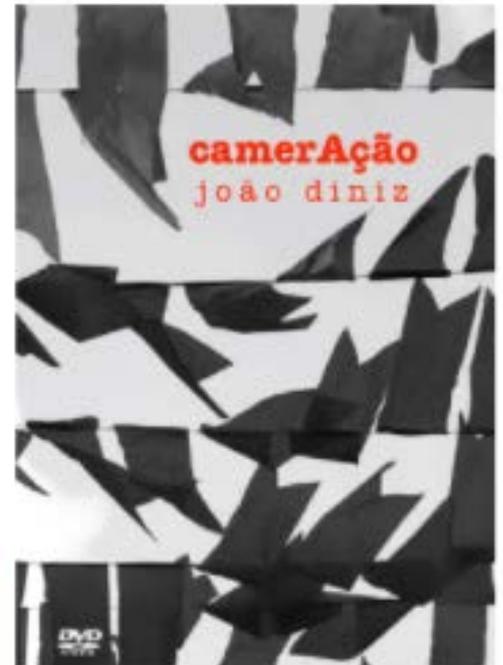


Figura 19: DVD camerAção



Figura 18: CDs fruto da transArquitetura

MÚSICA?!

VAMOS DE



**Notas:**

Esses e outros trabalhos podem ser conhecidos na internet em:

[www.joaodiniz.com.br](http://www.joaodiniz.com.br)

<http://joaodiniz.wordpress.com>

<https://soundcloud.com/pterodata>

**<https://www.youtube.com/user/joaodiniz>**

<http://www.facebook.com/joao.diniz.3114>

<https://twitter.com/joaodinizarch>



**Link para alguns trabalhos citados:**

**Capela em Lagoa Santa:**

<https://www.archdaily.com.br/br/917684/capela-em-lagoa-santa-joaodiniz-arquitetura>

**Cuboesia:** <https://www.archdaily.com.br/br/934142/pavilhao-cuboesia-and-jardim-de-aco-joao-diniz-arquitetura-plus-bel-diniz-arquitetura>

**Casa Serana:** <https://www.archdaily.com.br/br/01-87118/casa-serrana-slash-joao-dinizResidencial Monet>

<https://www.archdaily.com.br/br/600016/residencial-monet-slash-joaodiniz-arquitetura>

**Livro Visible Cities:** <https://br.blurb.com/b/4425225-visible-cities>

**O Livro das Linhas:** <https://www.amazon.com.br/livro-das-linhas-Jo%C3%A3o-Diniz-ebook/dp/B08SJ7KD39>

**Livro Ábaco:** [https://www.amazon.ca/%C3%A1baco-Portuguese-Jo%C3%A3o-Diniz-ebook/dp/B08SR7NF66/ref=sr\\_1\\_7dchild=1&qid=1611764606&refinements=p\\_n\\_feature\\_nine\\_browse-bin%3A5499155011&s=digital-text&sr=1-7](https://www.amazon.ca/%C3%A1baco-Portuguese-Jo%C3%A3o-Diniz-ebook/dp/B08SR7NF66/ref=sr_1_7dchild=1&qid=1611764606&refinements=p_n_feature_nine_browse-bin%3A5499155011&s=digital-text&sr=1-7)

**CD Ábaco:**

<https://www.amazon.com/%C3%81baco-Joao-Diniz-Pterodata/dp/B071GVPQLS>

Ábaco Suite / performance <https://www.youtube.com/watch?v=nfxfekxKl6s>

camerAção DVD/playlist <https://www.youtube.com/playlist?list=PLauk1lugtkQFzKJ0gjKp6Qma0JPOqptFL>

# DESCREVER AS CIDADES É PARA TODOS! MAS, PODEMOS VER A CIDADE A PARTIR DE UMA NARRATIVA?

Por Angelina Nardelli Quaglia

Somos impelidos a observar o que há em nossa volta desde cedo, no momento em que abrimos os nossos olhos e recebemos os primeiros signos, que no princípio não possuem significado algum. Os significados só existirão durante o processo de amadurecimento cerebral, e aumento da elasticidade do mesmo, por meio da bagagem cultural que nos é (ou não) ofertada. Descrever o que vemos sobre a cidade, e compreender o relato, dependerá de como o signo e o significado são decodificados (compreendidos), e isso caberá às nossas experiências e conhecimentos adquiridos ao longo das nossas vidas!

Mas, afinal, o que é um signo e um significado? Gosto de explicar que signo e significado "andam juntos, quase enamorados", entretanto, a percepção do significado é uma variante sem fim, que dependerá principalmente do observador e daquilo que, já dito, foi adquirido como experiências e conhecimentos ao longo de sua jornada.

Um exemplo que dou quando ministro a disciplina Percepção, Estética e Plástica, é o momento em que as caravelas chegaram à Porto Seguro, nos idos 1500. Os índios certamente não sabiam o que era aquele objeto flutuante, pois não haviam sido apresentados para as embarcações *Pinta*, *Nina* e *Santa Maria* (viva as aulas de história). Não eram tipologias de embarcações conhecidas por aquela etnia, que certamente de forma coletiva ficou confusa, e por não reconhecerem no signo, ou descrevê-lo como objeto flutuante, o significado, foram atacados. Ouso afirmar que, pelo ensino da história recente, quase foram massacrados ou dizimados.

Outros bons exemplos encontram-se na escrita e nos símbolos (religiosos, de trânsito, dentre outros), onde, se desconheço o significado, são para mim apenas um desenho, ou formas! Mas se o reconheço, leio e dou sentido à função para a qual foram criados!

**Então, por que falar em signo e significado, se o tema deste artigo é a forma como observamos as cidades? Simplesmente porque é através desses dois elementos que conseguiremos compreender as nossas experiências, ao vivenciá-las (as cidades).**

Vivenciar a cidade é parte de um processo de percepção coletivo e temporal, que se reverbera a partir do entendimento de sua morfologia (HALBWACHS, 2006). A percepção ocorrerá por meio da oferta dos conjuntos edificados e de seus vazios, onde se formam costumes coletivos, residuais das ofertas espaciais percebidas pelos indivíduos que a utilizam, gerando relações alteras, por meio de contato mediado ou direto. Por sua vez são criados hábitos aos quais podemos estar convidados a pertencer. A alteridade garante-nos a singularidade da percepção, pois cada pessoa possui um fluxo de memória diferenciado (MENESES, 1998).

Entretanto, apesar de precisarmos de "pontos de referência externos" para evocarmos as imagens da cidade (HALBWACHS, 2006), e da leitura dos signos como significados, construí-la é um processo individual, pois o observador é produto do ambiente, mesmo que dependa das práticas sociais coletivas de uso do espaço à sua volta. O observador responde com sua bagagem cultural, aquela adquirida ao longo da vivência, das experiências, da compreensão dos signos, sejam estes ocultos ou aparentes. Sendo assim, pode-se afirmar que memórias coletivas são parte fundamental da construção das memórias individuais como fenômeno social (LE GOFF, 2003).

Um exemplo de memória individual que surge a partir da construção da memória coletiva da cidade é demonstrado no romance de **Italo Calvino** (1990; 1972), onde se propõe a leitura das lembranças sobre a narrativa das observações de **Marco Polo** à **Kublai Khan**. Entretanto, mesmo que não se encaixe no debate da produção arquitetônica como teoria, efetivamente, o título aborda a percepção das cidades enquanto seus limites e propósitos distintos de forma individual, a partir da descrição dos signos, imagens, cheiros, formas e seus significados.

A cidade dissolve-se entre percepções, enquanto nos é apresentado o processo de visão singular do observador, para com o espaço que o circunda. O signo e o significado emergem a partir do processo de percepção da cidade descrito em **As Cidades Invisíveis** (CALVINO, 1990; 1972), tornando possível o diálogo individual por meio de captação de imagens, e da construção coletiva da memória e da cidade. O receptor da mensagem (Kublai Khan) passa a ser o espectador, que absorve na percepção individual (reconhecimento interno dos significados), permite-se a construção do lugar, e visualiza no documentar (de Polo) a demonstração da morfologia e dos pontos de foco específicos que permitem a referência na cidade limiaridade, como os processos e práticas apreendidos na leitura da Arquitetura e Urbanismo de uma cidade, pelas pessoas (FERRARA, 1981). Diniz (2013) reafirma que a percepção das cidades é um fator intransferível, e confirma que a mesma dá-se por meio da leitura e entendimento dos signos e significados, e que a "cidade não é imagem, visível não é só figura", sendo percebida também por meio dos sentidos e decodificações pessoais, mesmo que saibamos ser a cidade um "ser" formado a partir da observação do coletivo.

Ou seja, descrever as cidades é um processo onde todos os seres humanos podem fazer sozinhos, mesmo que sejam essas percepções forjadas por memórias coletivas. Não importa a idade, a classe social ou cultura, ou até mesmo se há alguma dificuldade intelectual ou alguma comorbidade (baixa acuidade visual, cegueira, mobilidade reduzida, dentre outros), todos nós somos capazes de passar nossa percepção da leitura a nossa volta, e tal qual Marco Polo, descrever as cidades, a nosso modo.

E SE VOCÊ FOSSE MARCO POLO, E KUBLAI KHAN ESTIVESSE ESPERANDO O SEU RELATO SOBRE A SUA CIDADE, OU ATÉ MESMO SOBRE O QUE TEM VISTO EM RECLUSÃO A PARTIR DA SUA JANELA, NESTA PANDEMIA, COMO VOCÊ A DESCREVERIA?



**ENVIAR AQUI RESPOSTA! E-MAILS!**

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

REVISTA15.47@GMAIL.COM

Descrever também é um processo que passa pelas artes plásticas, e como tal, é realizado por meio de documentação audiovisual, por sketches (esboços), por pintura ou criação de formas. Azevedo (2009) descreve que para Zuccaro o desenho é a própria ideia, uma expressão divina, diferente de Vasari que acreditava ser o desenho apenas a expressão de uma ideia, podendo ou não representar a realidade coletiva, mas a própria percepção do artista. Já Gombrich (1986) afirma que "a representação não é (...) uma réplica. Não precisa ser idêntica ao motivo".

Para melhor definir a percepção da cidade por meio da arte, mais especificamente da ilustração, que surge sobre a descrição do lugar, apresento neste artigo o trabalho da arquiteta peruana Karina Puente (1) (Fig. 01), que, a partir das descrições lidas no livro "AS CIDADES INVISÍVEIS", de Italo Calvino (1972), sobre o cuidado da "escuta" da narração de Marco Polo à Kublai, tem ilustrado algumas das cidades descritas, como Despina - "cidade com sessenta cúpulas de prata" (Fig. 02), Dorotea (Fig. 03) e Fedora (Fig.04).



Figura 01: Karina Puente em produção

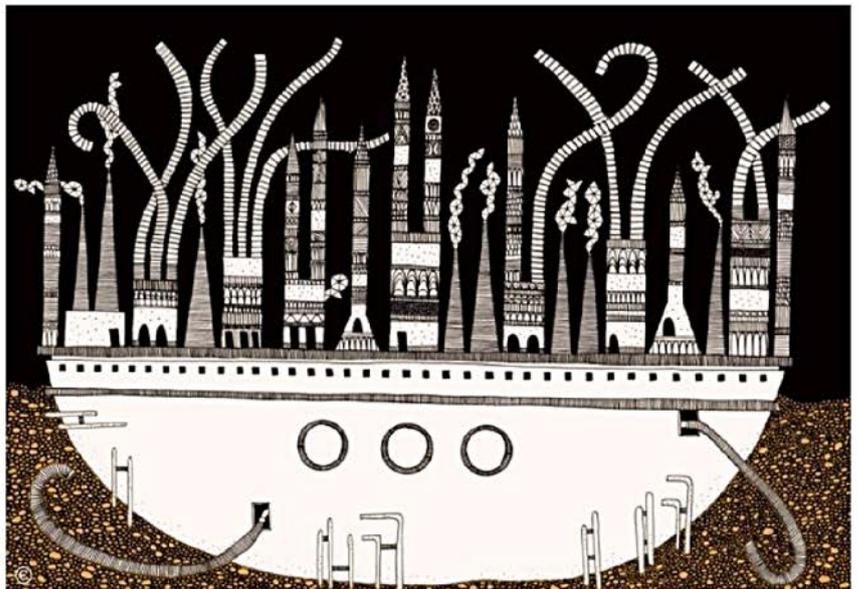


Figura 02: Ilustração da cidade de Despina

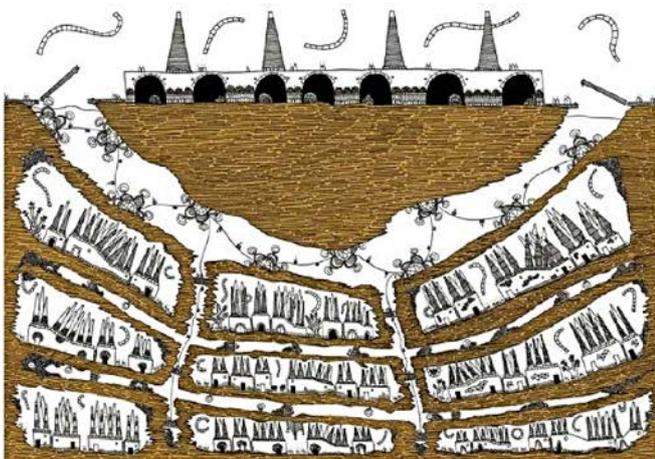


Figura 03: Ilustração da cidade de Dorotea

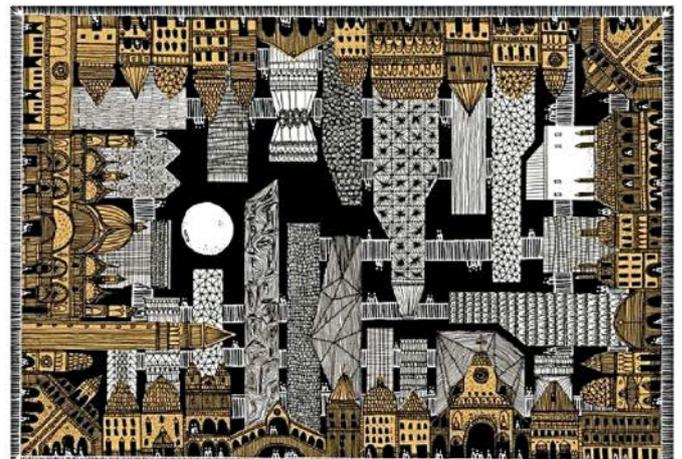


Figura 04: Ilustração da cidade de Fedora

**Notas:**

(1) A arquiteta e ilustradora Karina Puente ilustrou algumas das cidades descritas no romance de Italo Calvino, "As Cidades Invisíveis", de 1972, e seguem ilustrando as que faltantes.

**Bibliografia:**

AD Editorial Team. **As Cidades Invisíveis, de Italo Calvino, ilustradas por Karina Puente** [Italo Calvino's 'Invisible Cities', Illustrated]. Trad. Baratto, Romullo. 2020. ArchDaily Brasil.

AZEVEDO, Ana Alexandra Loureiro Neves da Costa. **A Afirmação do Desenho desde a segunda metade do Séc. XX**. 2009. Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo. Martins Fontes. 1992.

CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras. 1990; 1972.

DINIZ, João. **(IN)Visible Cities**. Belo Horizonte. Minas Gerais. 2013.

FERRARA, Lucrecia D'Laessio. **A estratégia do Signo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

HALBWACHS, M., **A memória coletiva (La mémoire collective)**. São Paulo: Centauro. 2006.

LE GOFF, J. **História e memória (Histoire et Mémoire)**. Campinas: Unicamp / Centro de Memória. 2003.

MENESES, U. T. B. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Revista Estudos Históricos, n. 21. 1998.

# GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE! UMA DE MUITAS PARTES!

Por Alexandre Guerra

Oi, meu nome é Alê, e eu recomendo a leitura deste texto com uma trilha sonora de fundo feita especialmente para uma imersão mais emocionante!



Começo com uma indagação!

O que te faz querer ir a um determinado local vê-lo de pertinho?

Eu sempre fui extremamente curioso, e não só uma curiosidade simples de “saber como é” ou “como se parece” um local. Eu gosto de ver gente usando o espaço, carros passando, observar um letreiro novo por cima de um antigo na fachada de uma loja, gosto de pintura descascada, da escada meio torta pra esquerda, da janela com vidros já mais gastos, turvos. Não que eu não aprecie uma boa obra arquitetônica nova, mas sentir a personalidade de um local é mágico (Fig. 01), e programar uma pequena pausa para descanso e ficar observando uma senhorinha fazendo macarrão no fundo de um restaurante é INCRÍVEL!

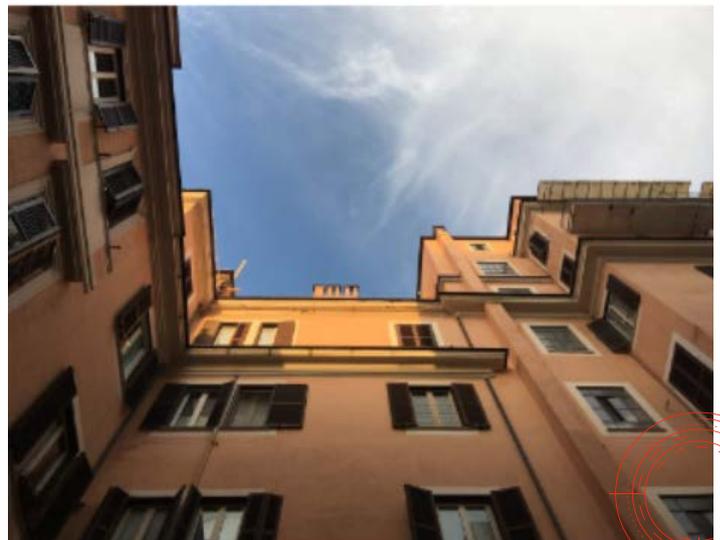
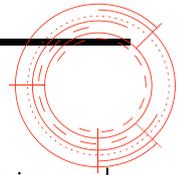


Figura 01: Prédios em Roma  
[E eu que fiquei apaixonado pela paleta de cores dos predinhos de Roma?!]



Toda vez que eu começo a planejar algum destino novo, a primeira vontade não é a de sair vendo “o que há de destino turístico disponível”, mas sim qual momento eu vou querer desfrutar, porque por mais que quando estamos em algum lugar novo, tudo é lindo e maravilhoso, devemos nos ater aos detalhes para perceber o que faz daquele lugar uma peça única, por exemplo, o que tem APENAS lá; ou o que você já viu em outros lugares e o que muda entre eles. Cada vivência é única, e cabe a você desfrutar dessa beleza! Claro que é o máximo poder dizer: “Nossa, eu estive em ...insira aqui algum lugar lindo... e a oportunidade é fantástica”, mas mais do que estar de corpo presente num ponto turístico, é ver as carinhas de emoção das pessoas ali... vendo tudo aquilo pela primeira vez... isso sim me faz chorar só de lembrar (Fig. 02).



**E como pensar seu roteiro como viajante, e não como turista?**

Faça seu roteiro pensando nas pequenas coisinhas que vão fazer sua memória afetiva pular de alegria ao ouvir alguma música que te lembre o local. Escute muita música, entre completamente em contato com o lugar, programe seu aplicativo de música para te sugerir trilhas sonoras. Use os algoritmos a seu favor, lembre-se de que eles existem para sugerir resultados semelhantes aos pesquisados, mas também para conhecer seu repertório a fim de sugerir algo que te agrada. O mesmo vale para aplicativos de fotos e redes sociais focadas em imagens, porque você consegue, a partir de publicações de pessoas que lá estiveram, sentir se é isso mesmo o que você busca... se é o SEU tipo de interação com um espaço.

Figura 02: Silhuetas na cidade  
[Acho também muito lindo a silhueta das pessoas dando escala à imagem]

**CARMO**



**CONVENTO DO**

**SÃO JORGE**



**CASTELO DE**

**LISBOA / PT**

**A VITTORIO EMANUELE II**



**MONUMENTO**

**ROMA / IT**



Eu, particularmente, não sou muito adepto de visitar museus e ficar muitas horas lá dentro. Gosto mesmo é de ver gente passando... ainda mais se for uma pessoa que mora lá, passa por lá todos os dias e acaba interagindo diferente de mim, que estou lá de passagem. Daí eu fico preso nos meus pensamentos:

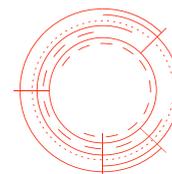
**-“Será que eu estou fazendo tudo certo? Existe um certo? Esse é o melhor caminho? Melhor para quê? Para quem? Quem ou o que define esse melhor?” e lá estou eu encarando o motorista do ônibus e ele sem entender nada, me achando maluco [o que nunca neguei ser].**

Com os destinos mais ou menos em mente, começo a me perguntar o que tais lugares possuem de atrativo, ou qual tipo de experiência eu não quero ter, por isso é muito importante você testar a conexão que você quer ter com o local para, principalmente, não passar perrengue [o famoso “perrengue chique”].

Quando você se dispõe a visitar um lugar, é importante entender que, se este se tratar de outro país, pode ser que você seja confrontado por alguma diferença cultural [eis-me aqui pressupondo que vocês farão suas pesquisas para viagem... pesquisem rapidamente, antes de qualquer coisa: “o que **NÃO** fazer em tal lugar”. É impressionante ver o quanto culturas se chocam umas com as outras!]

Pronto! Tudo certo, você decidiu seu itinerário e percebe que desbloqueou uma nova camada de expectativas e anseios, porque a cada passo que damos nas decisões de uma viagem, a pesquisa fica mais micro e, de repente, precisamos pensar em como ir do ponto **A** ao ponto **B**, mas:

- acabamos passando pela frente do **F**;
- aí olhamos no mapa e o **H** é do lado do **M**; e
- você leu umas opiniões meio chatas sobre o **R**.



É isso mesmo, não desanime, porque, essa é uma das partes legais de se planejar. Tudo muda, e você precisa estar confortável com suas escolhas, porque são registros que vão fazer parte de quem você é! O seu Eu do futuro vai ser resultado das escolhas do seu Eu do presente, então sem essa de “lá a gente descobre”... revisa tudo antes, ou conversa com alguém sobre a viagem dela.

Algo legal de eu ter conseguido fazer um mochilão na Europa durante a faculdade foi ter pegado duas disciplinas de história e mais duas monitorias em disciplinas que eu já tinha feito para reunir esse repertório, dar uma calibrada no olhar, sabe?! Mandei e-mails para professores pedindo opiniões e indicações e isso foi, sem dúvidas, algo inexplicavelmente rico, porque na faculdade já estamos nesse processo de aprender a observar alguns detalhes, e isso muda completamente o sentido de algo [fora que é incrível quando você já está treinado para

perceber alguns estilos arquitetônicos, bate o olho e dá um gritão no meio da rua: “MEU DEUS OLHA QUE BARROCO MARAVILHOSO!”] (Fig. 03), mas ter opiniões de profissionais com “olhinhos treinados” é espetacular.

Fora as disciplinas de história, uma paixão até então adormecida ganhou força total: o urbanismo. Quem é arquiteto sabe o valor que as discussões que esse aspecto da nossa profissão traz a quem se interessa em saber sobre o funcionamento não só da arquitetura em si, mas de todos os aspectos adjacentes. Falar sobre desbravar um novo e desconhecido centro urbano é também se esforçar para entender como os sistemas funcionam naquele contexto (Fig. 04). É entender que uma rua não é apenas um caminho, mas um vetor de fluxo que te leva de um lugar para o outro; ou só te leva para um ponto específico, mas como? Como se dá esse acesso? Quem passa ali? A que horas passa? Passa andando? Passa correndo? Demora para passar?

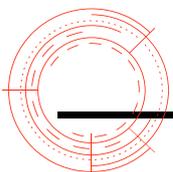
Você está prestes a ser inserido num organismo que já funciona sem você, então é preciso saber as nuances deste, e uma ótima forma é: o transporte. Essa é uma das primeiras coisas, se não a primeira, que eu vou atrás ao pesquisar sobre um destino [e não precisa nem ser um destino certo, porque o que eu mais gosto de fazer é sentar na frente do Google e só sair até eu entender a malha de transportes de um lugar]. Pensa só: você está indo lá, e você vai precisar percorrer tal caminho para chegar aonde deseja. A partir daí, a pergunta seguinte é: “como alguém local faria este caminho?”, e logo em seguida: “será que eu consigo fazer isso?” [normalmente o pai Google me ajuda com todas as minhas perguntas desesperadas e repentinas, porque não dá para se enfiar em qualquer situação, porque uma vez inserido num contexto, você enquanto viajante precisa dançar



Figura 03: Sant'Agnese in Agone  
[Foi justamente na frente da Sant'Agnese in Agone, barroquíssima, que eu dei o tal gritão]



Figura 04: Ruas são águas/Amsterdam Centrum  
[Toda a discussão sobre ruas e vias, para chegar à cidade e as ruas serem de água]



conforme a música. Eu amo quando a música diz: “Vai de metrôôô! Uhu! O metrô daqui é uma delícia! Todo mundo usa o metrô!"]. Por isso eu gosto demais do momento de observação, porque há cidades que possuem lógicas de funcionamento completamente diferentes, dadas as peculiaridades de cada uma. Vale também ressaltar que, dependendo da cidade, as pessoas fazem uso dos espaços de formas distintas; dependendo das regras de uso do solo e a tendência de haver mais ou menos comércio, mais ou menos gente, e por aí vai.

Ter morado em Brasília pelos últimos sete anos me faz apreciar mais ainda a possibilidade que outros centros urbanos possuem de se modificar dramaticamente ao passo que surja a necessidade ou que haja incentivo para que isso ocorra. Desenvolvimento orgânico! É a necessidade e presença dos usuários modificando grandes áreas, dando novas características aos locais. Observar isso acontecendo é lindo demais, porque foi por tal motivo que eu escolhi cursar e viver arquitetura: projetar espaços que impactarão na vida dos usuários. E o mais legal é poder se desprender da rigidez de observar um espaço como estático quando ele, na verdade, deve sempre ter uma função, mas que esta possa fluir livremente conforme seja inevitável que o contexto a imponha. Daí a importância de conhecer espaços, lugares; perceber pessoas; respeitar a vontade de mudança, e **entender que nada É, tudo apenas ESTÁ.**



Figura 05: Viagens do Alê Guerra  
Elaboração: Angelina Quaglia

## PARE PARA OLHAR...

Primeiro bate papo...

Por Vivi Manzur

Nestes tempos em que estamos vivendo, com medo, dentro de casa, vendo amigos indo embora deste mundo, com a vida nos virando de cabeça pra baixo, parece difícil olhar, sim olhar (Fig. 01) ... Com celulares poderosos somos reduzidos a *selfies* e diários virtuais para contar para todos o quanto nossa vida é o máximo!

A pandemia exigiu de nós um olhar para nossa própria vulnerabilidade, perceber que vivemos não só de *selfies*, baladas, filtros e seguidores. Porque somos reais, vivemos no mundo real, e por que não olhar para ele?

Ao caminhar pela rua, sim caminhar por aí no meio do mato, em algum lugar calmo, ou até mesmo até a padaria, você pode simplesmente contemplar o espaço, as árvores, o próprio caminho... Foi isso que eu aprendi quando comecei a fotografar, aprendi a olhar.

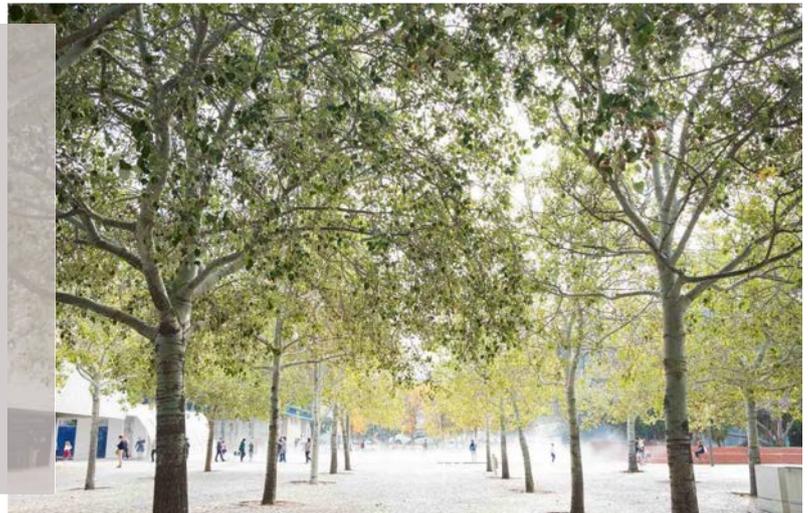


Figura 01: Vivi Manzur

Reduzir nossas memórias ao Instagram não nos abre a oportunidade de olhar para fora, nem mesmo para dentro, mas os permite "sim" a lembrança da importância da fotografia na nossa vida.

Acredito que muitas vezes queremos congelar alguns momentos da vida, e em outros queremos deletar, o que não é possível. Porém, se lembrarmos que temos um celular na mão e um pouco de vontade, podemos registrar essas memórias não só para ganhar *likes*, mas para garantir que nossas memórias estarão lá registradas com nosso olhar e assim trazer um sorriso em momentos difíceis. Porque pelas fotos podemos reviver (isso mesmo, reviver) aquilo que nos toca, nos emociona e nos faz olhar para a vida de forma a acreditar que ela vale a pena.

Vivi Manzur

# NA SUA NOVA ROTA, ESPERANÇA É ESSENCIAL

Por Maria Helena Costa

**"Esperança é saber que tudo acontece por uma razão, mesmo que sua mente lhe diga o contrário. Esperança é acreditar que tudo acontece para você... Esperança é uma faísca de luz que lhe guia, é o que lhe dá força e coragem para dar o próximo passo."**

**Gisele Bündchen<sup>1</sup>**

Durante este momento desafiador que se prolonga tanto, o que percebemos em nós? E nos que estão ao nosso redor? Quais serão as características dos que melhor se adaptaram, dos que alcançaram satisfação, realizaram algo significativo ou se engajaram em movimentos colaborativos? Essas percepções nos mostram que nossas vidas são importantes e valem sim, valem muito.

Os dados mais recentes apontam o adoecimento psíquico de seres de todas as cidades, em especial de jovens privados do convívio social, verdadeiro desafio na França, por exemplo. O governo francês instituiu bolsa assistência psicológica, refeições a custos reduzidos, pois, sem trabalho, os estudantes têm apresentado desequilíbrios emocionais<sup>2</sup> com momentos de angústia e ansiedade crescentes, muitos com tendências suicidas. Sem trabalho, com dificuldades para manter os estudos, moram em habitações mínimas, sem convívio social, aulas presenciais reduzidas, têm sentido intensamente os efeitos do isolamento social. As fragilidades anteriores ao período pandemia se apresentam insustentáveis agora; efeitos observados em muitos países, inclusive no nosso.

Investir nos caminhos conhecidos, para remediar os danos provocados em cada um, será inócuo. E nos remetemos à Psicologia Positiva como fonte que traz novos caminhos por meio do estímulo a estados emocionais produtivos, ao desenvolvimento e à aplicação de forças. Esse pioneirismo tem levado investigadores à pesquisa dos estados psicológicos positivos e os impactos por eles gerados na sociedade. Dr. Martin Seligman apresenta modelo tridimensional com cinco pilares que provocam mudanças em todas as áreas da vida.

---

**1 - Insight Timer - Hope In Times Of Uncertainty, Gisele Bündchen.**

**2 - [www.iniv-paris8.fr/Aide-et-soutien-psychologique-pour-les-etudiants](http://www.iniv-paris8.fr/Aide-et-soutien-psychologique-pour-les-etudiants).**

Este modelo é o PERMA – acrônimo em inglês para Positive Emotions, Engagement, Relationships, Meaning, Accomplishment (Fig. 01).

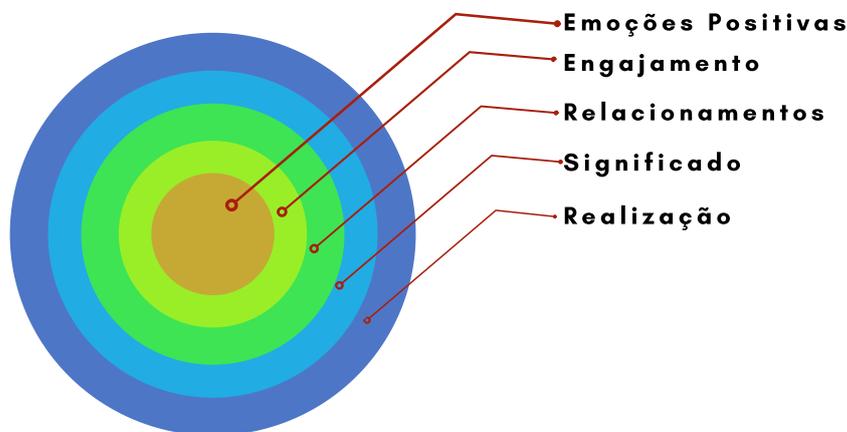


Figura 01: PERMA

As **emoções positivas** são apresentadas como o fio condutor para o bem-estar e a satisfação, ao ampliarem a consciência das pessoas e estimularem novos caminhos para fomentar pensamentos e ações e criarem a possibilidade de desenvolvimento de novos recursos e habilidades.

O **engajamento** se refere ao envolvimento com os diversos aspectos da vida do indivíduo, ao instigar o comprometimento e paixão que levam ao sentido da vida, ao se constatar que vale viver a vida.

**Relacionamentos**, como oportunidades para apoio e conexão, a sociabilidade apresentada pelas pessoas mais felizes que criam famílias, instituições, sociedades, comunidades.

**Significado** é o propósito, o que nos orienta na vida em direção a objetivos, ações, atitudes. Realização que surge ao alcançarmos objetivos estabelecidos.

**Realização** momentânea apresentada em momentos agradáveis ou plena de significado ao corresponder a propósitos maiores.

**Na trajetória do desenvolvimento humano temos cultivado o termo Ser Sustentável como aquele que se baseia no PERMA e cria o bem ser para o bem estar por meio do desenvolvimento pessoal, relacionamentos qualificados e carreira realizadora.**

Observe a imagem e verifique qual destas áreas, ao ser impulsionada, poderá influenciar maior número de outras áreas (Fig. 02)?



Figura 02: Áreas a impulsionar

O Ser Sustentável desenvolve a energia que o fomenta, impulsiona o seguir esse ciclo virtuoso de estados psicológicos positivos e a transmiti-lo àqueles ao seu redor, sendo um exemplo indutor de transformações, uma inspiração. O bem ser está focado em perspectivas que incrementam a satisfação com a vida. Influencia a integridade do ser, a manifestação consciente da essência de cada um, a vitalidade.

Pressupõe a autorresponsabilidade, a autoconfiança, a autogestão, a prática e uso das virtudes que incrementam o bem ser que leva ao bem estar (este termo sim, focado por estudiosos) em todas as áreas da vida.

A psicologia positiva e o coaching são aliados naturais, uma vez que compartilham o foco na valorização da satisfação total do ser humano (Victoria, 2016).

**"Conhece-te a ti mesmo e  
conhecerás o universo e os deuses."**

**Sócrates**

Aliadas a essas dimensões estudamos a Decodificação Biológica, criada por *Christian Flèche*, que colabora fundamentalmente na identificação de limitações profundas em cada um de nós que necessitam ser sentidas para serem sanadas, curadas, superadas. Percebemos, nessa associação, técnicas assertivas para a real transformação do ser, para a manifestação desse ser sustentável.

Conhecermo-nos melhor permite-nos tomarmos consciência de quem não somos, de quem somos, de quem desejamos ser e então aprendemos a nos amar. Ao nos tornarmos conscientes para a mudança, identificamos como nos amarmos. Ao mudarmos para sermos essência, amamos a nós mesmos. Ao sermos nós mesmos para oferecermos o nosso melhor, sentimo-nos amados. E ao servirmos aprendemos a amar tudo que não seja quem somos (Flèche, 2020).

Seligman, ao nos apresentar a vida significativa, baseada no ser para outros serem, sintetiza o processo apresentado por Flèche para nos conhecermos melhor: Conhecer nossa estrutura nos permitirá ir rapidamente à origem do problema; encontrar a experiência raiz, inconsciente; determinar a atitude adaptada (tratar a causa para tratar o efeito); sermos profiláticos (Flèche, 2020).

Essas premissas são essenciais para reconhecer e validar os sentimentos de ansiedade, tristeza, grande confusão geradas pela profusão de informações que exploram dados não confirmados; na ciência, controversas medidas com divulgação incessante transmitida pelas diversas mídias, permeada por alertas de sequelas que desorientam. A própria insegurança gerada pelas campanhas de vacinação, os diferentes princípios e tecnologias nelas utilizadas, a confiança na campanha para atingir toda a população.

Buscamos a manutenção de estilos de vida saudáveis, o uso da tecnologia para a manutenção das conexões sociais e a solidariedade desejada para a criação de redes de suporte e apoio para lidar com inúmeras situações adversas.

Retornamos então ao ser sustentável forjado com o intuito de propiciar que, independentemente de sua posição, empresa e relacionamentos, você seja você mesmo, você se mantenha e crie seus melhores momentos, fazendo do caminho a verdadeira realização para alcançar seus objetivos. Esse é o pilar-base para a sua vida! Vem inicialmente com o desenvolvimento pessoal, com a autorresponsabilidade, o autoconhecimento, que leva ao encontro do potencial máximo. Como desenvolvê-los?

Autorresponsabilidade é a capacidade racional e emocional de nos responsabilizarmos pelo que acontece em nossas vidas, independentemente de resultados, de expectativas positivas ou negativas. Ser certo de que tudo que nos influencia, direta ou indiretamente, é consequência de nossos próprios atos. Um desafio, pois tendemos a transferir a "culpa" aos outros, à situação vivida quando nossas expectativas não são bem atendidas. Assumir a autorresponsabilidade é libertador, pois passamos a viver o que realmente somos e nos ocupamos com nossa evolução. Uma das características dos que obtêm sucesso em suas vidas é a humildade, que permite aprender com os próprios enganos, erros e buscar resultados melhores na próxima vez. A humildade tem relação direta com a autorresponsabilidade. Traz o entendimento de que podemos agir de forma diferente.

Por que aplicar a autorresponsabilidade no nosso dia a dia? Para termos mais controle sobre nossas questões, escolhas, sobre o rumo que damos às nossas vidas. Para, em nossas atividades profissionais, contribuirmos com soluções, além de impulsionarmos o crescimento do outro e o nosso. Ela nos leva ao autoconhecimento; reduz frustrações, pois aumenta a habilidade de reagirmos, contribuirmos com a redução de conflitos, ampliarmos perspectivas e, então, problemas passam a ser percebidos como oportunidades.

Crie uma pausa, encha-se de si mesmo, reflita, avalie, respondendo por escrito:

**Qual a frequência das emoções positivas em sua vida?**

**Seu engajamento com a vida e o trabalho?**

**Seus relacionamentos?**

**Seus propósitos e seu senso de significado?**

**Suas realizações?**

**Seus momentos de gratidão pelas conquistas obtidas?**

**O criar de experiências, que colaboram com os outros, pelo manifestar de quem você é, em essência?**

**Quantas razões você encontrou para ter e ser esperança?**

**Utilize-as, viva-as, espalhe-as como sementes ao vento e permita que você seja um agente de transformação neste mundo que construímos, juntos.**

**Bibliografia:**

FLÈCHE, Christian. **Sentir para Sanar**. Paraná: Instituto e Editora Cintia Chiarelli, 2020.

Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19**. Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200067

SELIGMAN, Martin E.P. Florescer: **Uma nova compreensão da felicidade e do bem-estar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

TRACY, Brian. **Engajamento Total!** Matta, Villela da; Victoria, Flora. 2016. São Paulo: SBCoaching Editora, 2016.

VICTORIA, Flora. **Semeando Felicidade**. São Paulo: SBCoaching Publishing, 2016.

---

**Notas sobre a autora**

Maria Helena Costa ama o despertar em pessoas - estas formam times e empresas. Acredita que qualquer processo de desenvolvimento específico deve se basear no despontar de cada ser - conhecer seus talentos, habilidades e competências, para resultados significativos. O desenvolvimento pessoal associado à Carreira e ao Positive Coaching demonstram neste momento alinhar ferramentas adequadas à realidade que se reconfigura para o profissional integral.

**MARIA HELENA COSTA**

CONHEÇA MAIS



CARREIRA DE SUCESSO



# A FÉ EM TEMPO DE PANDEMIA

Por Luciana Azevedo e Jézer Junior

Durante todo o ano de 2020 o mundo adotou o uso de quatro palavrinhas no vocabulário cotidiano: pandemia, epidemia, endemia e surto. Quando uma doença atua em determinada área de forma permanente e por longos anos, dá-se o nome de endemia. Havendo um repentino e inesperado aumento de casos em determinada região, comunidade ou estação do ano, ocorre um surto. Quando os surtos se expandem para diversas outras regiões e até outras áreas geográficas, está-se diante de uma epidemia. E quando a disseminação se dá em todo um continente ou em todo o mundo, é chamada de pandemia. Apesar de a pandemia ser considerada o pior cenário para a saúde pública, não significa que a situação é irreversível.

Houve, ao longo da história da humanidade, diversos casos endêmicos, epidêmicos e pandêmicos, a começar com as úlceras que afligiram os habitantes do Egito e seus animais no tempo em que o faraó negou libertar o povo hebreu, contrariando a vontade de Deus (Ex 7,11). A primeira pandemia é registrada como a Peste de Justiniano, entre os anos de 541 e 544, que flagelou a Síria, Turquia, Pérsia (Irã) e parte da Europa, levando à morte aproximadamente 100 milhões de pessoas.

A Peste Negra (1343) assolou os continentes asiático e europeu, matando entre 75 e 200 milhões de pessoas. A Gripe Russa (1889) causou, em um único ano, a morte de aproximadamente 1,5 milhão de pessoas na Europa. Acredita-se que tenha sido causada pelo vírus H2N2. Em 1918, a Gripe Espanhola (vírus *influenza*) infectou aproximadamente 500 milhões de pessoas, levando à morte de 20 a 50 milhões de pessoas.

Mas, o que todas essas “demias” têm em comum, assim como outras doenças como o HIV, a malária, as hepatites virais e outras doenças prevalentes em regiões tropicais que são a causa da morte de mais de 4 milhões de pessoas por ano em todo o mundo? O medo, o pânico e a impotência! Esses sentimentos, quando tomam proporções exageradas, passam a afetar de forma negativa a vida, gerando problemas físicos ou emocionais que debilitam o corpo.

Contudo, é possível responder a qualquer problema com serenidade e autocontrole. Conta-se que Santo Inácio de Loyola alertava as pessoas acerca de duas forças que atuam na vida interior do homem, sendo uma negativa e outra positiva. A força negativa causa uma ansiedade atormentadora, entristece e cria obstáculos, impedindo o progresso interior. Já o Espírito de Deus desperta coragem, força, consolação, inspiração e tranquilidade.

Quem crê na existência de um Deus Criador de todas as coisas não pode considerar que qualquer criatura, a exemplo de um vírus, seja mais poderosa do que o próprio Criador. Ter fé não é simplesmente acreditar, mas crer que há um Deus que tudo governa para o bem dos homens, mesmo que possa parecer algo incompreensível à razão humana, e são justamente nos momentos de dor e de dificuldade que a fé é provada.

Por outro lado, a fé é incompatível com o desespero e a angústia. As pessoas que têm fé, por menor que seja, acreditam que tudo pode melhorar, ao contrário daquelas que não a têm, para as quais tudo pode sempre piorar.

Acreditar num poder sobrenatural é a chave que abre a porta da esperança e permite passar pelas dificuldades com uma certeza muitas vezes inabalável de que há sempre uma porta de saída. Desacreditar é deixar de viver, é olhar para as adversidades como obstáculos intransponíveis, decorrendo daí a negatividade, o desânimo, a descrença e o pânico.

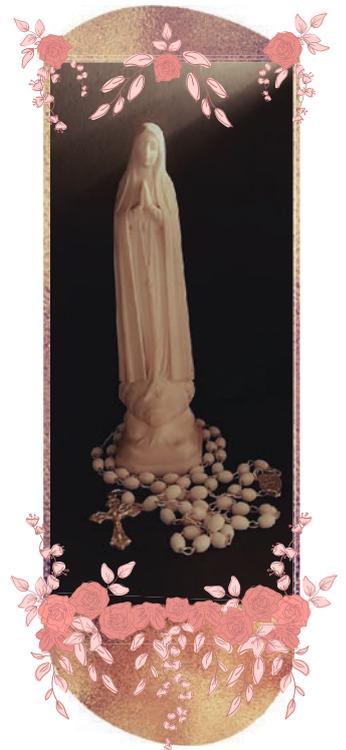
Falar de fé é também falar de amor, e o amor é o elemento principal que motiva o homem a viver e a superar obstáculos. A atual pandemia tem revelado uma capacidade de superação impressionante que o próprio homem não imaginava poder existir.

**Basta recordar que, ao longo dos períodos mais críticos em que foi necessária a adoção de medidas preventivas com o distanciamento e o isolamento social, muitas pessoas, num gesto de amor para com o próximo, acercando-se das medidas protetivas indicadas, saíram em auxílio daquelas mais necessitadas, que, por diversas razões, encontravam-se impossibilitadas de realizar as tarefas cotidianas mais simples.**

**Muitos idosos, e outras pessoas integrantes do chamado grupo de risco, puderam ter suas necessidades básicas de alimentação satisfeitas por pessoas que, de certa forma, guiaram-se pelo sentimento nobre de não pensar apenas em si, mas na necessidade do próximo.**

A antítese de amor não é ódio, pois não odeio quem não amo, mas egoísmo. No amor, a pessoa se doa por inteiro, e no egoísmo ela se fecha em si mesma, num egocentrismo, e acaba por ser consumida por ela mesma.

Em virtude de o vírus da Covid-19 ter se disseminado para quase a totalidade dos países do mundo, caracterizando a pandemia, ele vem sendo tratado como uma emergência de saúde pública de importância



internacional. Pela primeira vez, o mundo inteiro se volta em combate contra um mesmo inimigo, imperceptível e potencialmente letal.

As medidas preventivas devem ser observadas, até porque quem ama respeita o outro e não quer seu mal e, ao se precaver, está praticando o amor para com o próximo. A prática desse amor conduz a um exercício das virtudes e da fé, transformando as pessoas e o mundo.



No mês de março do ano passado (2020), o Papa Francisco fez uma jornada solitária em meio a ruas vazias, seguindo do Vaticano em direção à Basílica de Santa Maria Maior, onde se manteve em oração em frente à *Salus Populi Romani*(1), seguindo para a Igreja de São Marcelo, por ruas e praça vazias, onde também realizou orações diante do crucifixo que salvou Roma "DA PESTE", no ano de 1522.

Convidamos vocês a reviverem essa jornada e também a realizarem as suas orações em prol de todos nós, que lutamos contra a COVID-19.



---

(1). *Salus Populi Romani* (Protetora do Povo Romano), é um título dado no século XIX para um ícone bizantino de Virgem Maria com o Menino Jesus no colo.

## ELAS NA ESPLANADA

Por Maria Luiza Junior

Brasília tornou-se palco de manifestações variadas, em tempos bons e ruins, reunindo grupos e pequenas multidões na avenida Esplanada dos Ministérios, onde comumente existem mais veículos que pessoas transitando em dias ordinários. As marchas reivindicativas revelam por vezes o ânimo de brasileiros em buscar respeito à Constituição Federal de 1988 por parte daqueles que, uma vez eleitos, são os representantes legais do povo, e como tal, não deveriam se limitar a defender interesses conflitantes com o bem-estar social da maioria.

O advento do 8 de Março - Dia Internacional da Mulher- inspira a refletir sobre as diferenças de gênero nos espaços de poder de decisão no País. Afinal, aqui tivemos uma primeira mulher eleita e reeleita para o mais alto posto político, a Presidência da República, Dilma Rousseff, filha de imigrante húngaro. Necessário se faz reconhecer a volatilidade do escrutínio popular, não tendo sido nomeada, ou indicada, ou ainda, aprovada por uma instância superior, nossa primeira Chefe de Estado veio a sofrer impeachment por um tribunal formado por políticos, revelados seus



Figura 01 - Dilma Rousseff e Filha  
Foto LulaMarques/FotosPúblicas

adversários, igualmente eleitos com o voto popular. Quando dos eventos da posse para um segundo mandato, em 2015, a Presidenta Dilma, desfilou em carro aberto em companhia de sua filha, Paula Rousseff (Fig. 01), uma imagem idílica de mulheres assumindo o Poder.

**“Olha Brasília está florida, estão chegando  
as decididas. Olha Brasília está florida, é o  
querer, o querer das Margaridas”**

Canto das Margaridas - Loucas de Pedra Lilás

As primeiras mulheres a marcharem na Esplanada pertencem à classe de trabalhadoras rurais, mulheres do campo, das águas e da floresta, que em 2000 surpreenderam em número, força e determinação com a I Marcha das Margaridas (1) exigindo paz no campo, desenvolvimento sustentável, vez que concorria com o crescente agronegócio; justiça; educação e saúde. Sob coordenação da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares - CONTAG, as 27 Federações de Trabalhadores na Agricultura - FETAGs e mais de

4.000 Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs), a Marcha se realiza com regularidade, 2000, 2003, 2007, 2011 e 2019, representando a luta pelos direitos de mais de 15,7 milhões (PNAD/IBGE, 2009) de homens e mulheres do campo e da floresta.



Figura 02 - MARCHA DAS MARGARIDAS

Fonte: Observatório de agronegócio do Brasil

“É melhor morrer lutando do que morrer de fome”, pensamento expresso pela líder sindical do campo, Margarida Alves, que foi assassinada aos 40 anos, à porta de sua casa em Alagoa Grande/PB, em razão de estar à frente do sindicato rural daquela cidade, em defesa dos direitos dos trabalhadores. Ela moveu mais de 70 ações contra as usinas de cana de açúcar de sua região, tendo sido uma das principais lideranças sindicais do campo, reconhecida como tal mundialmente. Assim, para lhe prestarem homenagem e reconhecimento, seu nome batiza a peregrinação

das mulheres camponesas a Brasília - Marcha das Margaridas (1). Margarida vive em nós!

O Dia Internacional da Mulher foi determinado pela ONU em 1975, quando já ocorriam manifestações de mulheres clamando por iguais direitos trabalhistas nos países industrializados, por direito ao voto, por liberdade sexual, por educação e justiça. Nos anais da luta de liberação feminina, consta que houve uma grande manifestação de operárias russas, em 8 de março de 1917, com a adesão dos metalúrgicos, antecedendo a Revolução de Outubro. No Brasil, como em alguns rincões do mundo, onde a escravização de africanos foi imperiosa para o acúmulo de riqueza, a diferença de pertencimento a classes sociais e o marcador étnico vêm demonstrando uma incompatibilidade de interesses no seio da luta pela emancipação feminina.

As pioneiras sufragistas brasileiras, além das muitas ligações sociais, usaram de recursos financeiros o bastante para espalhar de avião panfletos sobre a então capital do Brasil, Rio de Janeiro, pedindo o voto feminino. Vale registrar que o Congresso brasileiro continua sendo ocupado majoritariamente por homens brancos de classe média alta e acima. Ironicamente, lá na Suíça, o direito ao voto feminino só foi concedido em 1971, mediante determinação governamental, e, na primeira tentativa para efetivar o direito ao voto, num plebiscito de 1959, uma porcentagem 67% dos homens suíços disseram não, usando argumentos, tais como “é desnecessário, porque o voto das mulheres é expresso por seus maridos”!

Se as mulheres russas impulsionaram a Revolução de 1917, outras mobilizações femininas revolucionaram leis. Na África do Sul do regime Apartheid (1948-1994), que privilegiava a elite branca e, em contrapartida, limitava e/ou excluía a população negra de direitos civis, como, por

---

**1 - A Marcha das Margaridas é hoje o maior referencial da luta política das mulheres rurais em todo o mundo.**

exemplo, o acesso à educação, saúde, postos de trabalho, e outros; às mulheres trabalhadoras negras só era permitida a circulação nas áreas urbanas mediante a apresentação do passe - passaporte que justificava sua mobilidade. Em 9 de agosto de 1956, oito anos após o estabelecimento do regime de segregação, 20 mil mulheres sul-africanas (Fig. 03) se reuniram em frente aos edifícios do Governo em Pretória para protestar contra a Lei do Passe. Para “ajuntar” tal número de mulheres, foi escolhida uma quinta-feira, dia de folga oficial das empregadas domésticas.



Figura 03 - Luta pelos direitos humanos  
Fonte: PSTU /África

**“Você golpeia uma mulher,  
você golpeia uma pedra,  
você morre”**

**Cantavam as mulheres sul-africanas  
no protesto.**

Quatro mulheres, Lilian Ngoyi, conhecida como a Mãe da Resistência; Rahima Moosa, indiana; Sophia William, a mais jovem; e Helen Joseph, inglesa, a Mãe Honorária dos órfãos do regime, apresentaram uma petição assinada por 14 mil mulheres exigindo a abolição dos passes. Em 1995, para comemorar a coragem e a liderança das mulheres na luta pela liberdade, a África do Sul instituiu 9 de Agosto o Dia da Mulher Sul- Africana.

O Brasil como o último país a abolir a escravidão dos africanos, 1888, ainda mantém a maioria da população de afro-brasileiros no limite da miséria, alijada dos postos de decisão, vítima da violência da Polícia, com menor escolaridade e sem acesso aos bens da cidadania plena. Como parte do compromisso assumido em Durban, 2001, na III Conferência da ONU para Eliminação do Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, o Brasil vinha implementado medidas reparatórias para dirimir tais mazelas. A reunião de Durban foi antecedida por outras regionais e incluiu deliberações da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, promovida pela ONU, no ano de 1995, em Pequim, com o tema central: “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”, afirmando os direitos das mulheres como Direitos Humanos e comprometidos com ações específicas para garantir o respeito a esses direitos.

A República Dominicana sediou em 1992 o I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Caribenhas com representantes de 70 países. Nessa ocasião foi deliberado que o dia 25 de julho passaria a ser o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha (Fig. 04), em respeito às especificidades desse grupo de mulheres.

Somente em 2014, a Presidenta Dilma sancionou a lei que instituiu, no Brasil, o 25 de Março como Dia Nacional de Tereza de Benguela - líder quilombola do século XVIII - o Brasil foi o último país latino-americano a conferir homenagem às Mulheres Negras.



Leia mais sobre  
Tereza de Benguela



Figura 04 - Tereza de Benguela  
Fonte: Biblioteca do CECULT /  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Ainda em março, temos o Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, decretado pela ONU, que lembra o sangrento Massacre de *Shaperville*, periferia de Johannesburgo, África do Sul, ocorrido em 21 de março no ano de 1960, quando um grupo de mais de 20 mil pessoas caminhava em direção à delegacia de Polícia para protestar, pacificamente, contra a Lei do Passe. Os manifestantes foram surpreendidos por policiais que, armados de metralhadoras, atiraram contra a multidão. Contou-se um saldo de 69 mortos e mais de 180 feridos. Calcula-se que, no Brasil, são mortos 63 negros, diariamente, sem protesto, sem intervenção de organizações de defesa dos direitos humanos. Em 16 de março de 2014, Cláudia Silva Ferreira, mulher negra, assassinada durante ação policial no Rio de Janeiro, já sem vida, numa viatura, o porta-malas abriu-se e seu corpo foi arrastado durante um longo trajeto sem que os policiais se dessem conta do ocorrido. Essas mortes, vidas que são prematuramente ceifadas, refletem o grau de discriminação racial que se vive no País, deixando marcas indeléveis na família e na extensa comunidade negra.

**“ESTAMOS EM MARCHA! UMA SOBE E PUXA A OUTRA”  
MARCHA DAS MULHERES NEGRAS.**

As mulheres negras, cujos passos vêm de longe, representam 25% da população brasileira, 63% delas são responsáveis pelo sustento único de suas famílias e perfazem em média o equivalente a 44% do salário de um trabalhador homem branco (ONU. 2019). Lidam direta e indiretamente com a violência do racismo, cujas estruturas são ainda mais insidiosas que no passado escravagista, quando não havia “liberdade” decretada. As mulheres negras sustentam o alicerce da fé expressa nas religiões de matriz africana, preservando e dando continuidade a um legado de tradições e liturgias que surtem efeitos curativos, emocional e fisicamente aos que procuram suas bênçãos, rezas e emulsões. É tempo de deter a intolerância da barbárie que provoca a destruição de templos sagrados. É tempo de impedir que crianças sejam apedrejadas nas vias públicas...

Pelo “bem-viver”, que pode mesmo ser traduzido como a manutenção do direito à vida de seus filhos, filhas e de si mesmas, as mulheres negras marcharam em Brasília, em 2015, no Mês da Consciência Negra, no dia 18 de novembro, reunindo mais de 20 mil mulheres e homens apoiadores da causa pelo fim do genocídio da população negra. Genocídio que não se limita às mortes, mas se concretiza na ausência da equidade de oportunidades, desde a educação, saúde, moradia, emprego, respeito à sua religiosidade e humanidade (Fig. 04).

Foi um longo caminho, de suas cidades, de seus estados até Brasília, e do Estádio Mané Garrincha à Praça dos Três Poderes. Quando a Marcha das Mulheres Negras chegou ao seu destino final, o Congresso Nacional, não havia espaço para comportar a todas. Havia, não uma pedra, mas um espelho d’água – estrutura que não consta da projeção original do edifício, e que passou a ter a função de obstaculizar a invasão do povo à “Casa do Povo”, por ordem do falecido ACM –, e havia também um acampamento que já se estendia por semanas, sem que os presidentes das duas torres (sic), do Senado



Figura 05 - Frente da Marcha de 2015  
Fonte: Instituto AMMA - Psique e Negritude

Renan Calheiros (PMDB-AL) e da Câmara Eduardo Cunha (PMDB-RJ), fizessem valer a lei que determina que em “patrimônio tombado são vedadas as instalações de qualquer ordem.

Para algumas mulheres era a primeira vez que iam a Brasília, o que suponho lhes deu um ânimo extra, passada a surpresa, para reagir com cautela à acolhida dos “acampados”, que dispararam tiros de armas de fogo – não eram salvas de honraria. Ali na Esplanada dos Ministérios, por semanas, como se a praça lhes pertencesse unicamente, estavam dois grupos “fortemente armados” naquele espaço público, ambos exercendo pressão nos parlamentares para acelerar o impeachment da Presidenta Dilma. Coube a Felipe Porto, como porta-voz dos acampados, e identificado por outras intercorrências, declarar que resistiria à ordem de remoção: “O cenário de guerra está armado. Em dez minutos nós temos socorro para chegar aqui e nos defender. Eu garanto que do lado de cá tem policiais, atiradores e colecionadores de armas. Do lado de cá tem armas” (grifos nossos).

Data vênica, não fosse o ocorrido, provavelmente a Marcha teria um desfecho ordinário, não seria notícia de jornal, pois foi notória a ausência da grande mídia durante todo o trajeto da Marcha das Mulheres Negras. O racismo cordial grassa nossa sociedade democrática (fig. 05; Fig.06; Fig. 07 e Fig. 08).



Figura 05: Senhoras da Irmandade da Boa Morte (Cachoeira/BA). Acervo pessoal de Maria Luiza Junior



Figura 06: Jovens em marcha  
Foto:LulaMarques/AgênciaPT



Figura 07: Alma Preta  
Foto LulaMarques



Figura 08: mobilizadores.org.br

## Notas

(1) A MARCHA DAS MARGARIDAS recebe este nome em homenagem à líder sindicalista Margarida Maria Alves (1943 -1983), e tem ocorrido no mês de agosto por ter sido o mês em que ocorreu o brutal assassinato.

## Referências

<http://vidasnegras.nacoesunidas.org/>  
<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-em-marcha-racistas-nao-passarao/>  
<https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,o-estilo-dilma-na-posse,1614313>  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-11/manifestantes-acampados-tem-48-horas-para-deixar-o-gramado-do-congresso>  
<http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>  
[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/03/100321\\_massacre\\_sharpeville\\_ir](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/03/100321_massacre_sharpeville_ir)  
<https://amnb.org.br/marcha-das-mulheres-negras/>  
<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/11/grupo-tem-48-horas-para-deixar-gramado-do-congresso-diz-cunha.html>  
[http://transformatoriomargaridas.org.br/?page\\_id=139](http://transformatoriomargaridas.org.br/?page_id=139)



# A COMIDA COMO CULTURA

Por Juliana Rampim Florêncio

As dimensões da comida sempre estiveram presentes em minha vida, antes mesmo de me tornar adulta e compreender que este seria o caminho a ser trilhado profissionalmente. Por esse motivo, ao trabalhar diretamente com as práticas alimentares percebi de maneira mais nítida os infinitos modos como elas afetam e modificam diretamente o cotidiano das pessoas. Trago nesta edição alguns autores que fundamentam de modo bastante acessível a importância do aprofundamento, pela pesquisa acadêmica, das reflexões que permeiam o universo de comer e de cozinhar.

As escolhas da alimentação humana são atos sociais e culturais, nas quais estão presentes fatores de ordem histórica, cultural, social e econômica. As representações dos símbolos e rituais presentes nessas identidades podem ser alcançadas por meio do processo da rememoração dos fragmentos, pelas expressões das pessoas. Segundo a filósofa indiana Uma Narayan:

Pensar sobre a comida nos ajuda a compreender significativamente como entendemos nossas identidades pessoais e coletivas. O simples ato de comer está condimentado com complexos, e muitas vezes contraditórios, significados. Pensar sobre a comida pode nos ajudar a revelar as ricas e complicadas texturas de nossas tentativas de autoentendimento, e ao mesmo tempo compreender a nossa interessante e problemática relação com os outros. (NARAYAN, 1997, p.2)<sup>1</sup>.

A comida pode, portanto, embasar o processo de compreensão de nós mesmos como indivíduos inseridos em sociedade. O historiador italiano Massimo Montanari compara a cozinha à linguagem, à medida que também possui vocábulos (os produtos e ingredientes), organizados segundo regras gramaticais (as receitas e modos de fazer, que dão sentido aos primeiros), com elementos de sintaxe (a ordem dos pratos) e de retórica (os comportamentos). E, como a linguagem, carrega em si diversos valores simbólicos. A comida também pode abrir seus sistemas culinários a toda forma de invenções e cruzamentos, o que fortalece sua capacidade de entrar em contato com outras culturas, precisamente por, pelo menos a princípio, ser de mais fácil entendimento que a língua do outro, por exemplo. O autor afirma:

Exatamente como a linguagem, a cozinha contém e expressa a cultura de quem a pratica, é depositária das tradições e das identidades de grupo. Constitui, assim, um extraordinário veículo de autorrepresentação e de comunicação: não apenas é um instrumento de identidade cultural, mas talvez seja o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas (...) (MONTANARI, 2009, p. 11).

O historiador Henrique Carneiro, na apresentação à edição brasileira de *Comida como cultura* (CARNEIRO apud MONTANARI, 2013), afirma que Massimo Montanari realiza “uma síntese dos temas centrais em debate sobre a história da alimentação e sua relação com a formação das identidades e dos gostos, do local e do global, vinculando a geografia e os sabores (...)”. Os debates trazidos por Montanari fazem a conexão entre alimentação, cultura, memória e identidade.

Compreendo o conceito de cultura de modo similar ao de Montanari: como inovação e tradição, simultaneamente. É tradição porque se constitui de uma série de conjuntos (de valores, técnicas e saberes, transmitidos social e organicamente), e é também inovação porque esses conjuntos modificarão o modo de vida dos sujeitos nos contextos social e natural, capaz de viver novas realidades: “A cultura é a interface entre as duas perspectivas.” (MONTANARI, 2009, pp. 26-27).

Para corroborar com este debate, apresento a relação entre cultura e experiência, de Edward Thompson. Para o historiador, a cultura não é componente passivo do indivíduo, e sim sentida e pensada por ele, através da experiência vivida:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...). Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p. 189).

A experiência vivida é o resultado das ações vivenciadas na realidade social, e não separada abstratamente desta, traço aqui o paralelo com o conceito de cultura trazido por Montanari. A experiência também é tanto a tradição quanto a inovação, uma vez que ambas são experimentadas pelo indivíduo. É possível, ainda, relacionar as experiências vividas por meio da alimentação como elementos de resistência e memória, oriundas de meios sociais distintos e hoje incorporados as suas práticas culturais.

**Entender a relação das práticas alimentares com a cultura é compreender, segundo Montanari, que os valores do sistema alimentar não podem ser definidos em termos de “naturalidade”. Por meio da experiência humana, esses valores são, simultaneamente, resultado e representação de processos culturais que englobam a domesticação, a transformação e a reinterpretação da natureza:**

Comida é cultura quando produzida, porque o homem não utiliza apenas o que encontra na natureza (como fazem todas as outras espécies animais), mas ambiciona também criar a própria comida, sobrepondo a atividade de produção à de predação. Comida é cultura quando preparada, porque, uma

vez adquiridos os produtos-base da sua alimentação, o homem os transforma mediante o uso do fogo e de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas da cozinha. Comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas escolhe a própria comida, com critérios ligados tanto a dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. Por meio de tais percursos, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la. (MONTANARI, 2013, pp. 15-16, itálicos do autor).

Para o historiador, as práticas alimentares têm em si as tradições e identidades de um grupo, e, por esse motivo, são um veículo de autorrepresentação e troca cultural, sendo um instrumento de identidade e de apresentação para com o contato com outras culturas (Ibidem, p. 183). Montanari aponta, ainda, para o equívoco em contrapor os conceitos de identidade e troca, ao se falar de alimentação, como se a troca fosse um obstáculo à salvaguarda da identidade e do patrimônio cultural nos quais a sociedade reconhece o próprio passado. O autor é bastante crítico a essa suposta aversão à contaminação pelo que é “de fora”, ou o que é diverso. Para ele, a história mostra precisamente o contrário: “que as identidades culturais não são realidades metafísicas (o ‘espírito dos povos’) nem estão inscritas no patrimônio genético de uma sociedade, mas se modificam e se redefinem incessantemente, adaptando-se a situações sempre novas, determinadas pelo contato com culturas diversas” (MONTANARI, 2013, p. 184).

Montanari também frisa a importância de identificar as identidades (aqui, alimentares e culturais, em geral) como produtos do processo histórico, apenas parcialmente imputável a situações ambientais e geográficas. O historiador cita como exemplo a construção da chamada “dieta mediterrânea”, que por muito tempo foi celebrada pela mídia, sobretudo americana, como fruto de uma “sabedoria antiga”. Ele critica não só a generalização do termo, como analisa seus processos de formação, apontando que salvo os usos do azeite, do vinho, do pão e da cebola, muito dela é, na verdade, bastante recente e fruto de trocas e situações socioculturais distintas (MONTANARI, 2013, p.187).

O historiador *Michel de Certeau* afirma que o comer não serve apenas para manter o funcionamento do corpo, e sim para conectar um modo específico – dentre vários existentes – entre uma pessoa e o mundo, concretizando, então, um marco no espaço e no tempo (CERTEAU, 1998, p. 183). O autor analisa, no segundo volume de *A invenção do cotidiano*, as falas de Gabriel, um senhor que se encontra em um asilo, destinado, nas palavras de *Certeau*, “ao anonimato da morte” (CERTEAU, 1998, p.188). As únicas memórias que parecem ocorrer ao idoso estão relacionadas a momentos relacionados à comida, preparada ou por sua mãe ou por sua avó. As descrições são bastante precisas, Gabriel afirma que a avó preparava, todos os domingos, omeletes, presunto, salada, manteiga e porco. *Certeau* conclui, a partir desses

momentos, que o compartilhamento dessas memórias foi o único modo encontrado pelo solitário senhor de “repetir a doçura do passado e a ternura de rostos bem conhecidos” (CERTEAU, 1998 p.189).

O sociólogo brasileiro José Reginaldo Santos Gonçalves, ao analisar as categorias de fome e paladar em Câmara Cascudo, afirma: “(...) a natureza humana é concebida como formada cultural e historicamente. Por meio dos alimentos, indivíduos e coletividades fazem conexões e estabelecem distinções de natureza social e cultural” (GONÇALVES, 2004, pp. 44-45). Diversas relações podem ser compreendidas a partir da análise das práticas alimentares – os preparos, os modos de fazer, os ofícios, as expressões, os significados, os modos de consumir – e das interações sociais em torno do comer. Para Montanari,

(...) em todas as sociedades, o sistema alimentar se organiza como um código linguístico portador de valores ‘acessórios’, e em certo sentido poderíamos dizer que a carga simbólica da comida é ainda mais forte quando ela é percebida como instrumento de sobrevivência diária. A fome, certamente, não permite muitas divagações para além da atenção imediata à detecção de recursos. Mas é aquela mesma atenção que delimita um universo simbólico de grande riqueza que configura a mesa como metáfora da vida. (MONTANARI, 2013, pp. 154- 155).

**A alimentação na experiência cotidiana possui força impossível de não ser percebida. Ela atravessa tanto as relações objetivas quanto as subjetivas, e quando historicizada revela aspectos sociais, culturais e políticos da dinâmica social. Quando Montanari fala em metáfora da vida, não só firma a beleza simbólica do comer como prática cultural, mas também reafirma a importância de se buscar compreender os diversos significados que permeiam a alimentação como dimensão sensível dos seres humanos.**

### REFERÊNCIAS:

CERTEAU, Michel de. **The practice of everyday life**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo**. In Estudos históricos: alimentação n. 33. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac, 2008. O mundo na cozinha. São Paulo: Editora Senac, 2009.

NARAYAN, Uma. **Eating cultures: incorporation, identity and Indian food**. in D. Bell y G. Valentine, Consuming Geographies: We are Where We Eat. Londres e Nova York: Routledge, 1997.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

# PIZZARIA DOM BOSCO OU PIZZA DO BAIXINHO? PATRIMÔNIO GASTRONÔMICO DE BRASÍLIA!



Por Angelina Quaglia

Há locais em Brasília que são tradição e que se tornam pontos turísticos apenas pelo fato de existir! É o caso da Pizzaria DOM BOSCO, ou PIZZARIA DO BAIXINHO, como chamo desde que nasci! Aliás, como dizem os mais jovens, quem é "raiz" de Brasília também intitula o local assim!

A pizzaria é um local pequeno, em especial porque obedeceu às regras de uso propostas para aquela região da cidade, que como todas no mundo, possuem legislações para a utilização dos seus espaços<sup>1</sup>. Não há no local o famoso "puxadinho" no fundo, e não há mesas! Então o leitor que não é de Brasília, ou é novato por aqui, vai me perguntar: "onde comem as pessoas?". As pessoas comem em pé, justo na frente de um balcão repleto de gente todos os dias, pedindo "uma dupla e uma Coca-Cola" (não é propaganda), ou uma dupla e um mate, geladíssimo, remetendo-nos delicadamente àquele mate vendido nas praias do Rio de Janeiro, acompanhado de biscoitos Globo (mas sem os biscoitos - doce, de preferência)! !!

Essa maravilha da CULINÁRIA CANDANGA segue como tradição há 60 anos, localizada na 107 Sul, rua de ENTREQUADRA, chamada pelos brasilienses mais antigos (a turma "raiz") por RUA DA IGREJINHA, fazendo menção à Igreja de Fátima desenhada por Oscar Niemeyer, que se encontra logo acima do "balão" (por aqui rotatória é balão), entre as quadras 307 e 308 Sul!

Há mais locais dessa maravilhosa pizzaria abertos por Brasília, mas a original, a da infância, da juventude e no meu caso a da "velhice" (risos), é a da **Dom Bosco da 107 Sul!**

E já sabendo que ficou uma "lacuna" ali atrás, no segundo parágrafo, explico melhor o que é essa história do "manda uma dupla"! Por lá quando é feito o pedido da pizza, os atendentes, sempre gentis, nos perguntam: "SIMPLES, DUPLA OU PARA VIAGEM?". Então, (i) simples é um pedaço de pizza no guardanapo; (ii) dupla são dois, um em cima do outro; e (iii) para viagem é a pizza inteira! Eu, particularmente, peço duas simples (não ao mesmo tempo), e mais umas três para viagem! Ai de mim, brasiliense frequentadora do local há 45 anos, se eu chegar em casa sem pelo menos duas delas!

---

**1 Brasília é uma cidade tombada, um Patrimônio da Humanidade, porém é uma cidade comum, dentro do possível, como as demais encontradas no mundo! Por aqui há regras de uso nos espaços, que são formalizados por um zoneamento que deveria ser mais rígido do que propriamente é! Ou seja, pessoas compram ou alugam lojas nas entrequadras, que explicarei na próxima edição (de abril), e ocupam áreas além das permitidas, a fim de expandir suas lojas, restaurantes, etc. A Pizzaria Dom Bosco obedeceu às regras, e vem fazendo isso há 60 anos!**

A pizzaria foi fundada em 1960 por Enildo Veríssimo Gomes (Fig. 01), que aprendeu a fazer pizza com um italiano, na cidade de Araxá - MG. Abriu suas portas num momento em que muitos dos edifícios da região estavam ainda em construção. É importante esclarecer que aquela região (107/108/307/308 Sul) é considerada modelo dentro dos padrões propostos em projeto, por Lucio Costa, e uma das primeiras da porção residencial a ficar pronta!

Os sabores? Apenas um! Uma pizza de queijo mussarela e molho de tomate fresco (um segredo que nunca descobrimos)! Porém, também há salgados e uma série de itens à venda dispostos nas prateleiras localizadas atrás do balcão! Tradicionais também são as bebidas, sempre muito geladas, como o mate, o suco de caju e o suco de laranja!

Imagino que mais pessoas tenham memórias do local e de mais tantos outros em Brasília! Para mim(1), e para os turistas que recebo, e para os alunos das aulas de urbanismo e de arquitetura, a parada no local é obrigatória, afinal, tradições devem ser passadas para frente!



Figura 01: Enildo e equipe  
Fonte: Enildo Veríssimo



Figura 02: Dom Bosco  
Fonte: Enildo Veríssimo



*Assim como uma família*

"O BAIXINHO CHEGOU EM BRASÍLIA ANTES DE 1960 (57-58), E PERMANECU NO NÚCLEO BANDEIRANTE (...). ELE CRESCEU O NEGÓCIO E TERMINARAM CRIANDO A DOM BOSCO. NÃO DOU MAIS DETALHES PORQUÊ A MINHA MEMÓRIA É CADA DIA MAIS INGRATA COMIGO. NO PRINCÍPIO DE BRASÍLIA EU TINHA UM AMIGO NO BLOCO 2 (HOJE BLOCO A, NA 107 SUL), O PAULINHO (IRMÃO MENOR DA NARA (...)), QUE ERA MUITO BOM DE BOLA, QUE TINHA MUITOS GIBIS NA SUA CASA, E QUE SEMPRE ME CONVIDAVA QUANDO IA COMER PIZZA NA DOM BOSCO. PRATICAMENTE TODOS OS DIAS, EM CASA, DE VEZ EM QUANDO A MAMÃE PEDIA PIZZA DA DOM BOSCO PARA O ALMOÇO. ELES TINHAM MUITO CARINHO PELE MAMÃE E SEMPRE NOS TRATARAM MUITO BEM". (JOSÉ INÁCIO NARDELLI PINTO - CIDADE DO MÉXICO - DF)

**Nota:**

(1)A família Nardelli Pinto, Nardelli Quaglia, Nardelli Quaglia Berçott e todas as famílias que se formaram derivadas dos Nardelli que aqui em Brasília vieram morar, agradecem por deixar em nossas vidas a memória afetiva desse lugar maravilhoso, que é a Pizzaria Dom Bosco!

# O QUE FAZER COM AS PROMESSAS DESSES CANDIDATOS ELEITOS

Por Frederico Flósculo

Falo, claro, dos candidatos eleitos a cargos públicos majoritários, nas esferas dos Poderes Executivos, Municipais, Estaduais, Distritais, Federais, exercidos por prefeitos, governadores, presidente ou presidenta. Também devemos falar das promessas que vereadores e deputados, estaduais, distritais e federais, fazem para angariar o precioso voto da cidadania.

Todas as suas promessas deveriam se transformar em lei específica, que se aplicaria somente ao eleito e ao mandato (não se refere ao “seu” mandato, mas ao mandato consignado pelo Voto Popular). Essa lei seria automaticamente validada pelo registro das promessas junto à respectiva autoridade eleitoral.

A essência dessa lei seria:

- ✓ O eleito perderá automaticamente o mandato (consignado pelo Voto Popular) caso não cumpra TODAS as promessas que oficialmente fizer. Mais: além de perder o mandato, se tornaria INELEGÍVEL na eleição subsequente para o mesmo cargo.
- ✓ Claro, todas as DEMAIS promessas de campanha, todas as promessas não-oficiais, uma vez de conhecimento público, uma vez não oficializadas, implicariam a imediata perda da inscrição como candidato. Ou seja: TODAS as promessas devem ser oficiais e devem ser cumpridas.
- ✓ Isso faz com que cada promessa deve ter data-limite para seu cumprimento, sem exceções. “Promessa 1: será cumprida até o 14º mês do mandato (consignado pelo Voto Popular)”... “Promessa n: será cumprida até o 48º mês do mandato”... e assim por diante. Todas as promessas teriam prazo de cumprimento. Nada impediria que o candidato determinasse que TODAS as promessas somente seriam cumpridas no ÚLTIMO MÊS de mandato.
- ✓ Uma escolha dessas exporia o candidato: qualquer outro que promettesse algo semelhante em prazo mais curto teria a atenção do eleitor. Mas teria que cumprir a promessa no prazo que definiu, sob pena da perda do mandato.
- ✓ O que aconteceria com o candidato que, apesar de adiar TODAS as suas promessas para o ÚLTIMO mês, não conseguisse cumprir suas promessas (todas)? Apenas se tornaria INELEGÍVEL. É um castigo insuficiente? Talvez, se considerarmos que esse colossal adiamento seria apresentado como a assinatura pública de sua incapacidade de cumprir promessas de forma séria, planejada. Dependeria de seus concorrentes apontar esse candidato como inepto: pródigo com promessas que não cumpriria (provavelmente).
- ✓ Desse modo, a nossa tradição de total picaretagem com o eleitorado seria seriamente abalada. Todos os políticos cometem ESTELIONATOS ELEITORAIS em graus variados. Devem pagar por isso. Devem ter suas carreiras sumariamente encerradas.



Vou exemplificar com ALGUMAS promessas vistas por aqui, por um certo político, nos últimos anos.

- Promessa do Abastecimento: Garantir água tratada e esgoto para 100% do DF - "Universalizar o abastecimento de água e esgotamento sanitário urbano e ampliação dos serviços na área rural com uso de tecnologias apropriadas" - Programa de governo.
- Promessa para Vicente Pires: "Vicente Pires: execução de 100% da infraestrutura de saneamento básico" - Post de Facebook.
- Promessa do Centro Administrativo de Taguatinga: "Ocupar o Centro Administrativo, reduzindo custos com locações e levando o Governo do DF para perto das regiões mais populosas" - Programa de governo.
- Promessa da Lista Tríplice para a escolha de Administradores Regionais pelas respectivas Comunidades : Escolher administrador regional por meio de lista tríplice criada por moradores. "As Regiões Administrativas terão seus administradores indicados pela sociedade civil organizada local e pelos cidadãos, em lista tríplice a ser submetida ao governador, que escolherá o administrador para exercício de cargo de confiança de natureza especial" - Programa de governo.
- Promessa de Atendimento até meia-noite nas Administrações Regionais: Disponibilizar atendimento 24 horas nas administrações regionais. "Ampliação do horário de atendimento das administrações regionais até as 24 horas, facilitando o acesso dos cidadãos que não podem se ausentar do trabalho para serem atendidos em repartições" - Programa de governo.
- Promessa referente a revitalização do Teatro Nacional e do MAB: Recolocar em funcionamento o Teatro Nacional e o Museu de Artes de Brasília. "Revitalizar os espaços culturais existentes no Plano Piloto e demais Regiões Administrativas: Teatro Nacional Cláudio Santoro, Museu de Artes de Brasília, Cine Teatro Itapoã (Gama) e Teatro da Praça (Taguatinga)" - Programa de governo.
- Promessa do Super FAC-DF: "Assegurar a continuidade e a ampliação do Fundo da Arte e da Cultura - FAC, para garantir iniciativas culturais que venham a fomentar o fazer cultural" - Programa de governo.
- Promessa de criação da Escola de Música Rural: "Criar a Escola de Música Rural, para o resgate das tradições musicais das diversas comunidades, em parceria com o Instituto Federal de Brasília (IFB) de Planaltina, Ceilândia, Gama" - Programa de governo.

- Promessa da Erradicação do Analfabetismo no DF: Erradicar o analfabetismo entre adultos. "Implantar o Programa Escalada para erradicar o analfabetismo adulto" - Programa de governo.
- Promessa de entregar um tablet para cada professor da rede pública: "Assegurar que todo profissional da educação tenha um tablet para utilização no ambiente das escolas" - Programa de governo.
- Promessa da Aplicação Local de Impostos: IPTU e IPVA nas regiões em que foram recolhidos. "O Imposto sobre a Propriedade Territorial Urbana - IPTU - e o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores - IPVA - serão alocados e gastos nas Regiões Administrativas da localização dos respectivos imóveis e veículos." - Programa de governo.
- Promessa da Redução dos Valores do IPTU e do IPVA aos valores de 2010: "Reduzir IPTU e IPVA aos mesmos patamares de 2010" - Programa de governo.
- Promessa de Revitalizar o Setor Comercial: "Vamos revitalizar o Setor Comercial, dar condição para os comerciantes abrirem o seu comércio, não só durante o dia, mas também à noite. Tem acontecido em São Paulo, Rio de Janeiro, e no Distrito Federal tem que acontecer também. É uma área nobre que merece atenção especial" - Caminhada em Ceilândia.
- Promessa do Mercado Central: Criar o Mercado Central do Distrito Federal. "Criação do Mercado Central do Distrito Federal" - Post de Facebook.
- Promessa do Wifi Universalizado no DF: Distribuir internet wifi em todo o Distrito Federal. "Implementar o Programa Cidade Conectada e Inovada, disponibilizando internet Wifi em todo o DF nos próximos quatro anos" - Programa de governo.
- Promessa do Plano Anticorrupção: Criar um plano de combate à corrupção no DF. "Elaborar e submeter à aprovação do governador do Distrito Federal o Plano de Combate à Corrupção do Distrito Federal" - Programa de governo; (Fonte: G1).

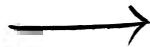
**"CHEGA! ATÉ QUANDO A POLÍTICA VAI SER CALCADA EM PROMESSAS QUE JAMAIS SERÃO CUMPRIDAS? ALÉM DISSO, ONDE ESTÃO AS DECISÕES DE GOVERNO QUE TORNARAM BRASÍLIA PERENEMENTE DIGNA DE SER A CAPITAL DO BRASIL?" (FLÓSCULO, 2021)**



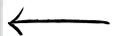
## ADRIAH!

### As 10 perguntas e suas respostas!

Por Jorge Nassar  
e Angelina Quaglia



ADRIAH é uma vocalista e guitarrista muito talentosa, numa banda que leva seu nome! E cabe aqui afirmar que ao vê-los tocar na Mostra SESC de Música, em 2018, percebia-se a sintonia entre seus integrantes!



#### Deem uma olhadinha na alegria!

A banda ADRIAH das fotos ao lado é formada por Adriah (guitarra/vocal), Marcus Tymburibá (bateria/vocal) e Cid Moraes (baixo/vocal). Mas essa roqueira com rosto alegre não participa apenas de sua banda, ou toca guitarra como ninguém, ela compõe e faz parte de projetos quando convidada, como a exemplo da produção em comemoração aos 20 anos do grupo de comédia Os Melhores do Mundo, quando fez os vocais e guitarra, "lançando um disco sem precedentes", que juntou o humor brasileiro, a nossa boa música.



Faz alguns anos ADRIAH lançou um EP intitulado "Simples/Complexo", com cinco músicas excelentes, com nítidas influências musicais que vão do blues ao rock pesado, maracatu e experimentalismo (movimento tropicalista). Segue um pouco do trabalho de ADRIAH, que certamente representa os jovens talentos brasileiros e o rock!



#### ALÉM DE SER FORTE REPRESENTANTE FEMININA NO MEIO!

CLICA AQUI,  
E SÓ CURTE!  
BOM D+!





SÓ SEGUIE...

**I. Adriah, você começou cedo os seus estudos de música. Podemos dizer que precocemente estreou no circuito de Brasília. De onde veio essa veia musical?**

"Veio da minha família. Aos 6 anos, ganhei meu primeiro violão e sempre tive muito incentivo dos meus pais para praticar e estudar, ingressando na Escola de Música de Brasília em 2008 e posteriormente no curso de música na UnB (não cheguei a concluir)."

**II. Você é uma excelente instrumentista e possui uma voz com grande potência, além do que, em suas músicas percebemos multiestilística, com elementos trazidos do samba, da MPB, rock, blues, dentre outros. Como você se define como artista?**

"Eu me defino muito como um instrumento da música. Gosto de muitos gêneros, muitos estilos e, como compositora, tento não me ater a nada específico. Já observei que isso na realidade chega a atrapalhar. O importante é estar sempre absorvendo novidades e sabores para sempre alimentar aquela fonte de inspiração que aparece vez ou outra de forma natural."

**III. Estamos vivendo um período complicado com o surgimento dessa pandemia, políticas de fechamento das casas de show, o que infelizmente colocou muitos artistas longe do seu metiê. Diante dessas incertezas, quais são suas perspectivas futuras com relação a sua carreira musical? Está trabalhando em algo nesse período?**

"Eu preferi entrar num casulo nesse período. Vinha trabalhando no meu álbum solo, Música de Gaveta, com apresentações mais intimistas, com loops, guitarra e violão, mas esse período conturbado acabou me afetando muito e me voltei para a outra vertente profissional da minha vida, que é a tradução. Tenho me respeitado bastante, faço música quando ela chama, sem querer me cobrar demais por isso ou por algo maior. Sinto que me saturei um pouco com as cobranças ao longo da minha carreira e preciso reencontrar a minha vontade. E estou aproveitando esse hiato para fazer isso."

10 PERGUNTAS

ADRIAH



**IV. Muitos artistas partiram definitivamente para o mundo digital, com maior interação, seja com vídeos pessoais, momentos de criação e estudo musical, ou até mesmo realizando lives. O futuro da música tá definitivamente no digital?**

"Sem dúvidas, mas nada substitui a experiência presencial, e ninguém pode negar isso. Acho que, pouco a pouco, a novidade vai encontrando seu espaço junto ao que já está consagrado como entretenimento."

**V. A cena autoral, principalmente para o rock não vive grande momento, mas sempre existe público. As novas tecnologias moldaram a forma como ouvimos música hoje em dia. Ao mesmo tempo que a cena perdeu força, ficou muito mais fácil divulgar os trabalhos, sem depender de grandes corporações como as gravadoras. Isso é uma evolução que veio para melhorar a vida do artista ou você acha que a "pulverização" de oferta atrapalha a relação com o consumidor de música online?**

"Com certeza veio para melhorar a vida do artista, mas também para mostrar que não é um ramo fácil, e que não é para qualquer um. Quem quer se aventurar nessa carreira precisa encarar a arte como uma empresa de

SEGUIE MAIS...

↓ fato, e se dedicar 100% a isso, porque só assim vai conseguir o foco necessário para analisar os dados que a rede fornece, aprender a direcionar sua música para o público certo e conseguir de fato rentabilizar o trabalho e viver integralmente dele."

### **VI. Ainda é possível viver de música no Brasil fora do mainstream?**

↓ "Acho que essa pergunta é muito relativa. O que é viver de música? O sucesso tem um peso diferente de pessoa para pessoa. Às vezes, uma pessoa que consegue viver modestamente com pequenas apresentações locais já se sente satisfeita, enquanto outra não se enxerga realizada a não ser que tenha conquistado cem mil fãs nas redes. A carreira musical é um eterno malabarismo de frustrações e realizações. Eu diria que é preciso estar sempre refletindo sobre isso para não se perder no sonho do mainstream. Possível, sempre é. Difícil? Também!"

### **VII. Você é uma artista identificada com Brasília. Dizem que a música de Brasília reflete muito de sua arquitetura e paisagem. Que aqui nossas músicas são fortes como o concreto, modernas como nossos prédios, vivas como as nossas árvores, lindas como o nosso pôr-do-sol e que sempre vislumbramos o futuro como o nosso horizonte limpo. Você concorda com essa visão?**

↓ "Como minhas composições estão mais voltadas "para o lado de dentro", não sei se vejo muito esse conceito nelas. Talvez essa visão esteja presente, talvez não. Depende de quem vê."

### **VIII. No meio musical de Brasília, nem todos se conhecem, mas todos têm um amigo ou parceiro de música/palco em comum. Por vezes parece que todos estão fazendo tudo sozinhos, e por conta própria, num esforço hercúleo de sobrevivência musical. Você acha que falta solidez e apoio recíproco entre os artistas da cidade para promover a cena local? Uma cena forte não tende a beneficiar a todos?**

↓ "Sim, concordo. Ainda não é do senso comum que, se a maré sobe, todos os barcos sobem juntos. É o contrário do que vemos em outros gêneros, como no sertanejo, onde muitos artistas trocam músicas e fazem parcerias com artistas no início da carreira - além dos investimentos financeiros que são feitos em peso. Eu diria que muito por isso o rock perdeu a força que tinha nos anos 1980 no Brasil. Os que se consagraram se isolaram lá em cima e não buscaram trazer consigo os que tentavam subir também."

### **IX. A história mostra que tudo é cíclico. Já vivemos a era do samba, da MPB, da Jovem Guarda, do Rock, e hoje o mainstream é dominado pelo funk carioca e pelo sertanejo. Você acredita que o rock ainda possa ter relevância num momento futuro na cena nacional?**

↓ "Sinceramente, não vejo isso acontecendo. Mas também não diminuo a relevância dos outros gêneros que estão no mainstream. O Brasil é um país muito rico que, se investisse em cultura, alcançaria os mesmos resultados de uma Coreia do Sul, por exemplo, que alavancou a economia por meio do K-Pop. Imagina fazer isso com o funk carioca? Seria incrível. E, mais uma vez, quando a maré sobe, todos sobem com ela, seja para o funk, seja para o rock, seja para outros gêneros. A resposta está na cultura. E o Brasil pisa muito na bola em não investir nela."

### **X. Você já tocou em muitos palcos com seu projeto pessoal ou acompanhando outras bandas e artistas. Que parceria você gostaria de reeditar num futuro próximo?**

↓ "Neste momento, só desejo poder voltar a tocar com meus amigos e parceiros de antes da pandemia. A saudade não cabe no peito dos tempos mais simples de ensaios seguidos de uma cervejinha, do showzinho simples, enfim... Quero só matar a saudade, depois penso no resto."



# EM FEVEREIRO TE VEJO NO GALINHO DE BRASÍLIA

Por Angelina Nardelli Quaglia

Quem me contou?  
O professor Romildo de Carvalho  
Junior, um dos fundadores do G.R.E.N.!!  
Leia, que também vou lhes contar!

Antes de falar do **Galinho de Brasília**, o bloco que mais atrai foliões no carnaval da capital federal, não podemos deixar de falar de um assunto importante que garantirá a manutenção da folia que segue, ano após ano, a nos embalar ao som do frevo, um dos ritmos mais contagiantes do mundo! Cabe a todos nós, brasileiros, entender que o desconhecimento sobre a nossa memória e o descaso com a sua manutenção são dois fatores que representam um grande risco para os patrimônios coletivos. É necessário conhecer nossos costumes, nossos bens mais preciosos, e espriar as tradições, multiplicar conhecimentos culturais e fomentar a manutenção das "feituas" brasileiras, que de norte a sul do país, nos representam.

Importa-nos saber que no ano de 1988 a Constituição Federal contemplou a mudança de nomenclatura, via artigo 216, do conceito de patrimônio estabelecido pela Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, ampliando-o. O que era chamado de **Patrimônio Histórico e Artístico** tornou-se **Patrimônio Cultural Brasileiro**, incorporando o "conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial" (IPHAN. 2014) (1).

## DOSSIÊ DO FREVO



"(...) Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens **de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira**". (IPHAN - 2014)

O **FREVO**(2), por exemplo, um Patrimônio Cultural Brasileiro é um bem **IMATERIAL**, ou seja, ele faz parte das ações que representam as práticas e domínios sociais, as manifestações dos saberes, dos ofícios e modos de fazer; das celebrações; das formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e dos lugares representativos da vida cotidiana, como os espaços que abrigam práticas culturais coletivas. Encontra-se inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão desde 2007, por meio do intermédio, em 2011, da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Recife - Iphan-PE, e da Secretaria de Cultura do Recife Secult-PE, que juntos definiram o plano de salvaguarda do frevo.

**ENTÃO, AGORA SIM, JÁ QUE FALAMOS DE PATRIMÔNIO BRASILEIRO,  
FALEMOS DO GALINHO DE BRASÍLIA!**

## UM PROJETO PARA BRASÍLIA



Fotografia: Pedro Ventura/Agência Brasília  
Adaptação: Equipe 15.47

Voltemos ao ano de 1992, quando nasceu o **Grêmio Recreativo da Expressão Nordestina - G.R.E.N - Galinho de Brasília**, nome dado em homenagem ao Galo da Madrugada da cidade de Recife - PE, com as bênçãos de Enéas Freire, presidente (eterno) do Galo da Madrugada. Cabe aqui contar que Enéas tomou o bloco como afilhado, embora inconformado com o título no diminutivo, o que segundo ele trazia a ilusão do bloco ser pequeno. Entretanto, o Galinho já nasceu grande, e o diminutivo foi a forma carinhosa de indicar que eram fruto do Galo de Recife!

Naquele ano, um grupo de amigos não conseguiria estar na capital de Pernambuco para brincar carnaval, em resultado do confisco da poupança, ocorrido no governo Collor, em 1990. Juntos decidiram fazer a festa em Brasília. Explico para os que desconhecem o fato de que o carnaval de rua da capital do estado de Pernambuco é "rito sagrado para todo pernambucano que se preze", uma fala que se reverbera de forma coletiva sobre essa festa, entre os pernambucanos de nascimento e de coração! Romildo conta que o grupo produziu 120 camisetas, vendeu entre os amigos pernambucanos, e na entrequadra 203/204 Sul nasceu, ao som do frevo e em dia ensolarado, o Galinho de Brasília.

O Bloco é parte das tradições da folia candanga e convida o seu público a se manter num clima familiar e de respeito, mantendo o mesmo espírito de cordialidade de seus fundadores! Segundo fontes oficiais (3), o bloco chega a atrair até 100 mil foliões (PM/DF, 2016), somados os dois dias em que convidam os brasilienses para brincar em cortejo nas ruas da cidade!

Porém, nem tudo são sombrinhas coloridas, fitas, passistas e banda de frevo! Para que ocorra o cortejo e toda a festa, faz-se necessário um arcabouço de itens que incluem a hospedagem dos membros da banda (vindos, em sua maioria, de fora), dos passistas, da segurança, dentre outros itens obrigatórios. Como exemplo, Romildo citou o anos de 2019, quando definiram por não sair às ruas devido ao valor reduzido ofertado pelo governo e à falta de incentivo, que não pagaria todo o custo empregado pelo bloco. Nesse mesmo ano a festa foi realizada no GALPÃO17, pois o dono do estabelecimento não admitiu que um bloco tradicional na cidade ficasse fora do carnaval.

### Teve frevo!

Sobre a criação do G.R.E.N., Romildo disse-nos que não visa apenas o Galinho e o carnaval, mas sim "resgatar para Brasília os valores das tradições culturais nordestinas, esquecidos com o passar do tempo", pois na Capital Federal há um número expressivo de grupos que mantêm as tradições do Nordeste, como é o exemplo da Orquestra Marafreiboí. Para ele a criação do grêmio corrobora

com a necessidade de fomentar a cultura nordestina em Brasília, além do sonho em formar o maior grupo de danças e de tradições nordestinas fora da região.

Infelizmente com o advento da COVID-19, não tivemos carnaval em 2021, e sendo assim, o que nos resta é relembrar e aguardar quando novamente pudermos brincar!

**Nossa proposta, a fim de finalizar esta matéria, é propor mais um projeto para a cidade, que montemos um Grupo de Trabalho, o popular GT, para propor a candidatura para a inscrição do Galinho de Brasília como patrimônio daqui deste nosso lugar, composto de 65% de nordestinos e seus descendentes! O que acham?**

**REGRA Nº 01: NESTE BLOCO SÓ TOCAMOS FREVO!**

**BRASÍLIA - 1993**



Fonte: Paulo Maciel

**Hino do Galinho (Clésio Ferreira)**

O Galinho cantou dentro de mim  
Hoje o frevo começa e não tem fim  
Tem frevo na rua, no eixo, no  
trevo, no beco, é demais  
Eu vou trazer do Recife e Olinda  
os meus carnavais.

Sou do bloco da vitória. Flor da  
madrugada.

**Quero a evocação.  
Embala, embala, embala, embala,  
embala meu coração.**

**BRASÍLIA - 2020**



Fonte: Beco da Coruja

**Notas:**

- (1) Cabe ressaltar que de nada adianta o poder público se as comunidades envolvidas na promoção, proteção e manutenção do Patrimônio Cultural Brasileiro deixam de se envolver neste processo.
- (2) O frevo é um ritmo formado pela combinação de vários tantos, incorporando em sua dança elementos emprestados do maxixe, da polca e da capoeira, tornando-se uma manifestação cultural representante da miscigenação brasileira e da cultura pernambucana. Comemora-se o dia deste bem imaterial brasileiro em 9 de fevereiro.
- (3) Segundo a Polícia Militar do Distrito Federal, o número de foliões ao longo do cortejo e da permanência do bloco na entrequadra chega a mais de 100 mil foliões. Este número é quantificado ao longo do dia, aos sábados e segundas-feiras, quando saem às ruas.

**Bibliografia:**

IPHAN. **DOSSIÊ DO FREVO**. Coord. Yêda Barbosa. 2014. Brasília, DF.

## O SAMBA DO PRÍNCIPE

Por Rubens Perlingeiro

Este ano não haverá o famigerado carnaval. A imprensa brasileira, que não se caracteriza pela modéstia, classificou essa bagunça musical-sacolejante como “a maior festa popular do mundo”; “o maior espetáculo da Terra”, e outros exageros ufanistas. Os jornalistas só se esqueceram de consultar opiniões de cidadãos de outros países.

Como eu costumo fugir de ronco de cuíca e não passo nem perto de carro alegórico, sinto-me incomodado ao assistir a cenas de turistas chegando aos aeroportos e sendo recebidos por grupos de sambistas. A primeira imagem que esses visitantes fazem do Brasil é a de uma senhora em trajes sumários sacudindo as nádegas freneticamente ao som de uma batucada. Como complemento, surge um cidadão aos rodopios e executa peripécias com um pandeiro. Imagino o que deve pensar um professor-doutor que chega para um congresso de física quântica, ao ser impelido a um canto onde esteja ocorrendo aquela demonstração de primitivismo tupiniquim.

Lembro-me de um triste episódio, ocorrido nos anos 70, que a televisão insiste em repetir: o príncipe Charles, eterno herdeiro do trono britânico, “sambando” no Parque Lage, no Rio de Janeiro. “Sua Alteza não resistiu aos encantos da sambista Piná”, diz a eufórica narração. Na verdade (eu soube por um amigo que frequenta o Palácio de *Buckingham*), o Príncipe, coitado, sentindo-se constrangido com a situação, perguntou a um assessor: “como é que eu me livro desse pessoal”? “Basta vossa majestade sacudir as pernas e fingir que está com câimbra. Assim eles vão deixá-lo em paz”, foi a resposta.

**Como o que costuma passar para a História não é o fato, mas sim sua interpretação, para efeitos de brasilidade o príncipe “sambou”.**

Ola!

SOU Thalija, experiente exploradora de mistérios urbanos...

15.47

Busco um tal de Dom Bosco...

minha única pista é uma latitude cabulosa...



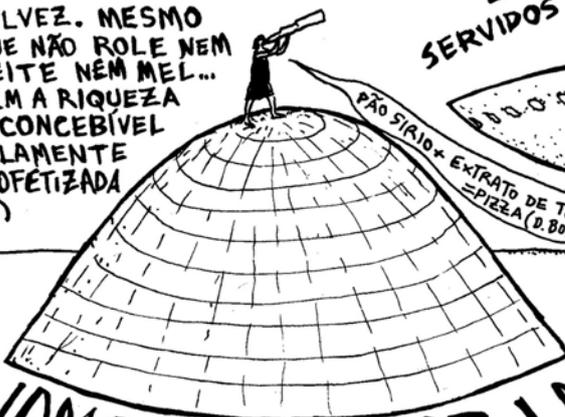
LATITUDE

TEM POR TODA PARTE A 15 GRAUS SUL TEM MUITOS LUGARES DE PAZ: JANAÚBA, JANUÁRIA, PORTEIRINHA, CUIABÁ MAS TAMBÉM AREQUIPE E, CLARO, LA PAZ...

LATITUDE É ATITUDE?

TALVEZ. MESMO QUE NÃO ROLE NEM LEITE NEM MEL... NEM A RIQUEZA INCONCEBÍVEL BELAMENTE PROFETIZADA (...)

“LEITE & MEL”(D. BOSCO) SERVIDOS EM DISCOS VOADORES DO OSCAR



PÃO SÍRIO

EXTRATO DE TOMATE =PIZZA (D. BOSCO)

DISCOS VOADORES?

VAMOS EXPLORAR LATITUDES URBANAS

W4  
W3  
W2  
W1  
W0  
L4  
L3  
L2  
L1



NO PLANETA BRASILIA

VEJA BEM: NÃO É EXATAMENTE UM "QUADRADIM"...

BRASÍLIA NÃO É PLANA NEM É SÓ "O PLANO"

EXPLORAÇÕES DA CIDADE PATRIMÔNIO COM EXCLUSIVIDADE...

FREDERICO FLÓSCULO

**Revista 15.47 de arquitetura, arte, patrimônio e cultura.  
PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, nº. 03 (fevereiro/março - 2021)  
Brasília - Brasil - Online**

**Bimensal**

**Sumário Português**

**Disponível em: <https://paraboloide.com/revista-15-47>**

**0200202015479**

**1-Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design  
8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo**

**DIREÇÃO EXECUTIVA, DIREÇÃO DE ARTE E EDIÇÃO**

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA  
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

**DIRETORIA E EQUIPE EDITORIAL**

PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA  
MALU PERLINGEIRO  
RUBENS PERLINGEIRO  
JOÃO DINIZ  
BEATRIZ NARDELLI QUAGLIA BERÇOTT  
LUCIANA AZEVEDO  
JÉSER JUNIOR  
JORGE NASSAR  
FREDERICO FLÓSCULO  
JULIANA RAMPIM FLORÊNCIO  
ANDRÉ LUIZ BERÇOTT  
VIVIAN MAZUR

**REVISÃO**

ENY JUNIA LIMA CARVALHO (REVISORA)  
ANGELINA NARDELLI QUAGLIA (REVISORA DE ARTE E MONTAGEM)

**REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA**

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA  
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA  
MALU PERLINGEIRO  
JOÃO DINIZ

**FOTOGRAFIA DE CAPA E SUMÁRIO**

ANGELINA QUAGLIA

**AGRADECIMENTOS AOS FOTÓGRAFOS E GALERIAS**

ARQUITETA KARINA PUENTE; ROMILDO DE CARVALHO JUNIOR, CHRISTIAN WRIGHT

**PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.**

**BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL  
CONTATO@PARABOLOIDE.COM**

**(+55-61) 99914-0661**

**(+55-61) 98177-2538**



**PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.**

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

PARABOLOIDE.COM

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

@PARABOLOIDE.INCUBADORAIDEIAS

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538

**REVISTA 15.47**

REVISTA15.47@GMAIL.COM

INSTAGRAM.COM/REVISTA15.47/

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538

**APOIO**

